

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST01-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 34-483	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura
<b>Assunto:</b> A vinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 01	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF Vai-se começar [AB|por a] {fp} por a vinha {pp} [RP|por a vinha].

*INQI Exactamente. Como é que se começava desde o princípio?*

INF A vinha (no) /o\ princípio {fp} era uma relva que [IP|tavø=estava]; a gente abria {fp} as mantas, metia-se o bacelo, botava-se adubo, e pronto, ficava plantado. E depois, ia-se cavando todos os anos para{fp} e coisa. (Assim). [AB|Até] {pp} Até à vinha crescer. Depois [AB|a cabo de,{fp} de] a cabo de dois anos, já começava a deitar uns {fp} cachinhos de uvas. E depois ia andando, ia andando [AB|até] {pp} até [AB|fazi-] formar parreira [AB|e] {pp} e dar uvas. Era assim. Sim, sim. Nem tem outra.

*INQI Sim, senhor. E não tinham que...*

INF Enxofrar.

*INQI Pois.*

INF É. A primeira coisa era: {pp} a vinha rebentava, enxofrava-se. Depois, {pp} estacava-se.

*INQI O que é estacar?*

INF Estacar é levantar a vinha com as estacas. Vá; [AB|se, a gente {pp}, há] há vinhas [AB|de]{fp} aramadas, {PH|nø=não é}? Essas {PH|nø=não} são estacadas e a da nossa vinha é diferente. A gente... A vinha (é) assim rasteira e a gente arranja umas estacas mais ou menos [AB|deste t-] assim, para ficarem {pp} levantadas do chão, para [AB|a vinha {PH|nø=não}]{fp}, {PH|nø=não} se es-] a uva {PH|nø=não} se estragar no chão [AB|e o] e o vento [AB|{PH|nø=não}]{fp} {PH|nø=não} {PH|lø=a} sacudir. Pois.

*INQI E portanto aqui assim, o bacelo que punham já era daquele que ficava definitivo ou ainda tinham que...*

INF Pois, agora já é diferente. Agora vem um bacelo barbado, de fora, e a gente planta à mesma: abre-se os talhos, planta-se a vinha, {fp} cava-se – todos os anos, já se sabe –, cava-se, dá-lhe-se mimo, rega-se, e {fp} depois enxerta-se. Chega-se ali [AB|{PH| =ao} mês de {fp}] {PH| =ao} mês de Fevereiro, enxerta-se a vinha. (Pois).Uns pegam, outros {PH|nø=não} pegam. (Sim) /É assim\ /Assim\.

*INQ1 Pois. E enxerta como? Como é que é o enxerto?*

INF Enxertado... Eu posso-{PHli=lhe} fazer um enxerto.

*INQ1 Não, faça-me, diga-me, explique-me só com as mãos como é que fazia...*

*INQ2 Explique, explique...*

*INQ1 ...ou é difícil?*

INF {PHlna=Não}, {pp} {PHlna=não}! [ABIMas eu posso-{PHli=lhe}] Eu posso trazer [ABluma vide (sic)] uma vide aqui, num instante

*INQ1 Ah, está bem.*

INF e eu faço-{PHli=lhe} um enxerto.

*INQ1 Sim senhor.*

INF (...) Eu {PHlnẽ=não} me demoro aqui.

*INQ1 Desculpe lá.*

INF Faz de conta que este pé {pp}, este é o barbado, {IPIta=está} no chão e (tem-o na terra) /tem uma terra\.

*INQ1 Sim, sim.*

INF A gente vai a ele com a tesoura – nem é com a navalha, é com a tesoura – corta-se assim direitinho {pp}, e depois {pp}, faz-se assim: escala-se.

*INQ1 Dá-se um golpe ao meio.*

INF [ABIE isto é {pp}] Isto é o enxerto que a gente vai meter que é para dar as uvas. Este, assim com dois olhos, mais ou menos. {pp} Mais ou menos este. A gente faz agora. {fp} Há gente que faz assim, e assim. Mas ele ainda dizem que a gente, cortando por este lado, que corta a veia [ABIdo] do olho. A gente faz assim. Eu tenho uma navalha melhor, de enxertar, mas eu {PHlnẽ=não} tenho aqui. Mas (eu tento). {pp} A gente faz assim...

*INQ1 Portanto, não se deve cortar por baixo do olho*

INF Pois não.

*INQ1 deve-se cortar do outro lado.*

INF Por este lado {PHlnẽ=não}, porque corta [ABla]

*INQ1 A raiz, com certeza.*

INF [ABla{fp}coisa da{fp}] {PHlɛj<sup>1</sup>vɛjɛj}=as veias} {pp} da vinha. Bom, fazem assim. Bom, este é [ABla pa-, é o, é o] é o pé, que é o barbado, e a gente...

*INQ1 O barbado é a qualidade.*

INF O barbado há de tantas qualidades.

*INQ1 Ai, há barbados de várias qualidades?*

INF De várias qualidades.

*INQ1 Portanto, o barbado é aquele que está metido na terra, que foi plantado...*

INF Na terra. E este, este é o listrão – (digamos) assim – ou o boal, ou o verdelho (ou{fp}) o que a gente quer enxertar para dar. Pronto. Isto agora [ABlleva aqui {pp}] leva aqui uma palhinha, {pp} uma palhinha {PHldɛʃtɛj=destas} de banana. [ABlDe{fp}] Sim, põe-se uma palha de banana ou uma palha

de arroz. {pp} Embrulha-se isto aqui bem embrulhado; dá-se-{PHI|=lhe} aqui [ABlum{fp}] uma coisinha de [ABlum {pp}, um] o (que) /que ele\ tem na junta [ABluma {pp}] – como é que se diz? – uma pomada preta e tapa-se isto. Tapa-se aqui o corte para pegar. E é assim.

*INQ1 Sim senhor. E como é que se chamava esse enxerto? Chamava-se enxertar como?*

INF É enxertar, não tem outro nome. Enxertar.

*INQ1 Enxertar. É a única maneira de enxertar é essa?*

INF Enxertar é enxertar. [AB|Ne-] Nem sei outro nome, senão enxertar.

*INQ1 Sim senhor. Nunca se chamou um garfo, a isso.*

INF Sim, chama-se um garfo. Chama-se. Chama.

*INQ1 Chama-se? A quê? Essa parte...*

INF [AB|Meter-] Meter um garfo.

*INQ1 Meter um garfo.*

INF Meter um garfo.

*INQ1 Sim senhor. Olhe, e a, a vinha... Portanto, essa, as parreiras e isso, podem ser assim estacadas, como o senhor explicou há bocadinho...*

INF Pode ser [AB|le pode e, e pode] e pode subir e (fazer em) /fazerem\ latadas à mesma. Deixa esta vara crescer, este olho, por exemplo, rebenta, deita uma vara comprida, sobe para cima o que a gente quiser. Se ela for {PHI'kortε=corta} este ano, {CT|pɔ=para o} ano [AB|sega-{PHI u=lhe o}] sega-se os {fp} ali de baixo, para ficar só {PH|ε<sup>i</sup>=as} duas ou {PH|ε<sup>i</sup>=as} três em cima na ponta. (Por exemplo), [AB|este, este a] {fp} ela rebenta e rebenta aqui em cima, os olhos. Mas se a gente quer {pp} que ela dê latada, deixa-se-{PHI|=lhe} estes olhos só. (E logo no) podar – como (é que) se poda – [AB|sen-] {PH|n̄=não} sendo {CT|pa=para a} latada, a gente poda mais ou menos {fp} assim neste comprimento, [AB|quand-] – três olhos. Em sendo {CT|pa=para a} latada, deixa-se-{PH|ε=a} crescer, {CT|prε=para} (cima a) /ser na\ altura que a gente quiser. E depois {pp}, chegando {PH|ɔ=ao} tempo da poda, a gente sega-se esses olhos todos e deixa-se este só. Ela vai lá; rebenta a vara. Já {PH|n̄(=não)} põe força aqui; põe a força (aqui). Deita uma vara grande – tendo humidade e adubo. [AB|Deita-] Deitou a vara que {fp} começa-se a fazer uma latada. No primeiro ano {PH|n̄=não} fica, mas {PH|ɔ=ao} cabo de uns três anos, faz uma latada grande.

*INQ1 Sim senhor. E, portanto, é costume fazerem latadas, aqui?*

INF Fazem aqui, ({IP|ta=está}) latadas por aqui fora. (...)

*INQ1 E as latadas são ao pé das casas ou são mesmo no, no campo, no, no...*

INF Não, é mais {PH|ɔ=ao} pé das casas.

*INQ1 Mais ao pé das casas...*

INF (...) Fora das casas só é {fp} vinhas aramadas.

*INQ1 Sim senhor. Olhe, e nunca havia uma maneira de criar uma, uma parreira nova, que era meter por baixo do chão e fazer para, por baixo da...*

INF Sim, isso é mergulhais, que (isto) /este\ faz. Por exemplo, tem-se [AB|luma] uma parreira que tem uma vara comprida; a gente leva-{PH| =lhe} {PH|o=ao} chão rente {PH|o=ao} troço, abre-se uma vala e ela vai nascer acolá.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST02-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 614-712	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A vinha	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 02	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

*INQ Como é que se diz que está a começar?*

INF {fp} {IP|ta=Está} rebentando.

*INQ Está rebentando...*

INF A vinha arrebentou. E já se vê se traz muito, se traz pouco.

*INQ E depois a seguir?*

INF Há podas que traz {pp} três cachos {pp}, um olho. A poda {fp} pode deitar {fp} sete, oito cachos. Cada olho deitando dois cachos, tem {RC|trê-=três}.

*INQ A poda, o que é que o senhor chama a poda?*

INF A poda é quando a gente chega {PH|o=ao} tempo – a Janeiro – podar.

*INQ Ah!*

INF Podar a vinha.

*INQ Sim.*

INF ({IP|ta=Está} a perceber?) É o tal que eu já {PH|li=lhe} disse.

*INQ Sim, sim, sim, sim.*

INF [AB|Quan-] Quando é para ficar rasteira, poda-se. Quando é para subir [AB|uma] uma vara, deixa-se aquela vara comprida para {pp} se fazer a latada.

*INQ Pois, pois! Pronto. E depois aquilo tem os... Começa-se a ver os cachos a formarem-se, não é?*

INF Pois.

*INQ E não tem uma florzinha?*

INF (Como)?

*INQ Não dá flor, nessa altura, quando se começam os cachos?...*

INF Abre a flor [AB|lêntão para] então para gerar [AB|o{fp}] o bago. Abre a flor...

*INQ E depois a certa altura a flor cai também.*

INF A flor cai, quando gera. Começa a gerar o bago, a{fp} flor{fp} cai.

*INQ E o que é, quando, como é que se diz, nessa altura, que está a, que a vinha já está a quê?*

*INF A vinha, nessa altura, {IP|ta=está} rebentada (diz): "Olhe, já {IP|ta=está} a abrir a flor". E depois, ({PH|o=ao}) /a\ cabo de tempo, [AB|já{fp}] já {IP|ta=está} a chegar pé da flor {pp}; já a gente enxofra, que a flor{fp} é mais reles a enxofrar.*

*INQ Sim senhor. Portanto não se diz a vingar, já está a vingar...*

*INF Já {IP|ta=está} vingada. {PH|nẽ}=Não} precisa mais (é) outra coisa. É a tratar.*

*INQ Sim senhor.*

*INF Com enxofre [AB|lou a{fp}] Eles agora costumam de lavar {pp} a vinha. Mas, hoje, esses produtos que vêm para lavar as vinhas, eu acho que nem é muito bom.*

*INQ Para, para quê? Para lavar?*

*INF Para lavar a vinha, para livrar [AB|de{fp}] de podres e{fp} de coiso.*

*INQ Ah!*

*INF [AB|Nó-] A gente de primeiro era só enxofre {pp}. E {PH|vũ)=não} apodrecia tanto as uvas.*

*INQ Pois.*

*INF Sim senhor.*

*INQ Nunca se lhe dava sulfato aqui?*

*INF Era só com sulfato [AB|e{fp}] e enxofre.*

*INQ Ah, e enxofre.*

*INF Sulfato em pó. {pp} Baralhava-se no enxofre {pp} e depois enxofrava-se. E [AB|{PH|nẽ)=não}], e {PH|nẽ)=não} apodrecia [RP|{PH|nẽ)=não} apodrecia]. [AB|Agora] Agora é até (ter) (lavagem e lavagem e lavagem) /lavares e lavares e lavares\; olhe: apodrecem sempre cada vez mais.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST03-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> analfabeta
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 790-847	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A vinha e o vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 03	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF1 Quando se vai apanhar {fp} {pp}, vai-se fazer a vindima. Vá, vai-se fazer a vindima. Fala-se a homens – quem {PHln }=não} tem homens – [ABlfala{fp}] faz a vindima.

INF2 Vai-se fazer a vindima...

INQ *Porque, porque aqui os campos de, de vinho eram muito grandes, eram?*

INF1 Pois! Agora {fp} já {PHln }=não} têm metade do que tinham. De primeiro, tinham {fp} (o) carro de bois {pp}, arranjavam umas tinas, punham em cima do carro {pp} para transportar as uvas.

INQ *E como é que faziam? Portanto, o carro, o carro de bois estava com a tina num sítio, não é? E as...*

INF2 [ABIE o vinh-]

INF1 {IP|'tave=Estava} com a tina num sítio e (a gente ia) apanhando e deitando dentro.

INQ *Não, mas iam-na apanhando para dentro de quê?*

INF1 [ABIIa] (Apanham-se) para dentro dos cabazes, [ABlde] destes de vime – de cestos de vime – [ABle ia-].

INQ *Destes redondos?*

INF1 Sim, e ia-se deitando dentro das tinas.

INQ *Mas as pessoas não andavam com uma coisa aqui assim ao*

INF1 {PHlna=Não}.

INQ *para pôr os, os cachos?*

INF1 {PHlna=Não}.

INQ *Para depois vazarem para dentro, não?*

INF1 Ah, andava-se [ABlcom{fp}] com outros cestos mais maneirinhos, para deitar dentro.

INQ *Que andava assim ao, ao braço?*

INF1 {fp} Tem uma asa. Não, andava no chão mas {pp} quem quisesse podia (fazer assim).

*INQ Tinha uma asa. Olhe, e quando se faz a vindima, depois de fazer a vindima, não ficam para trás, às vezes, uns, uns cachos pequenos?*

INF1 Isso é rabisca. Isso é {CT|põj=para os} miúdos a{fp} rabiscar.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST04-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> analfabeta
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 950-1035	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> A vinha e o vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 04	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

*INQ E não, não espremem aquilo?*

INF1 Então não (espremo) /espreme\. Depois, leva uma corda, {pp} toda à volta {pp}, sempre, sempre, uma corda, e depois chega acima, põe-se uma tábuia {pp} em cima.

INF2 (O) /Um\ frascal.

*INQ Como é que lhe chama, a essa tábuia?*

INF1 [ABIFras-] {fp} É uma porta. A gente chama porta, [ABla do fra-] a porta do lagar. Faz-se o frascal...

*INQ O frascal é aquelas uvas todas juntas ali à volta, os engaços...*

INF1 Põe-se a corda, depois põe-se a porta, e depois {fp} tem uma pedra, a gente anda com o fuso, a gente anda de roda e espreme a...

*INQ Ainda tem um lagar desses?*

INF1 Aqui não tem.

*INQ Ah, já não tem.*

INF1 Aqui em cima tem.

*INQ Portanto, anda com, com isso à volta... Olhe, e aquela, aquele, portanto aquilo tinha assim uma coisa grande, que passava dum lado, que assentava.*

INF1 {fp} (É {PHla=a}) vara do lagar que a gente chama.

*INQ A vara.*

INF1 A vara.

*INQ E na vara...*

INF1 E tem o fuso...

*INQ O fuso... Aquele sítio onde, onde o fuso atravessa a vara, que tem lá uma coisinha que é...*

INF1 Uma {PHl'kōfirẽ=concha}. Chama-se a concha.

*INQ A concha. A concha, portanto e aquilo vai ser...*

INF1 Aquilo tem um{fp}, feito numa rosca e sobe e desce.

*INQ E esse fuso tem em baixo uma pedra grande?*

INF1 Tem uma pedra grande...

*INQ Como é que lhe chama a essa pedra?*

INF1 É {PHla=a} pedra do lagar. Tem um furo, e a gente enfia uma cavilha, na pedra e enfia no fuso e{fp} [ABlleva um{fp}] é atarraxada e depois {fp} anda de roda.

*INQ Anda de roda.*

INF1 Depois vai-se andando de roda, a pedra vai subindo até levantar. Depois a pedra {IPIta=está} assim um bocado no ar, pára-se, {pp} para tomar o peso [ABldo{fp}]

*INQ Da vara.*

INF1 da vara, [ABldo{fp}] da pedra.

*INQ Da pedra, pois. E depois de já estar isso tudo espremido ainda espremem outra vez, ainda cortam ou não?*

INF1 Depois corta-se, que é [ABlpara quando{fp}] para se fazer água-pé. Depois de fazer o vinho, faz-se água-pé.

*INQ Portanto...*

INF1 E é feito da mesma maneira, outra vez. Torna-se [ABla] a espremer, a{fp} bater com os pés (e) fazer o frascal e{fp}

*INQ E pôr a corda à volta...*

INF1 pôr a corda à volta para tirar água-pé. E depois deita-se o bagaço fora.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST05-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 1230-1235	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 05	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

INF A gente chama-se aquilo{fp}, (oh,){fp}\ é uns paus que a gente põe ali.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST06-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Agamémnon <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 1440-1476	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 06	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

INF1 Sendo uma pipa grande, lhe chamam a pipa, mas (estas) /esta\ chama-se é cartolas – ele são mais (...)...

INQ *Olhe e aqui assim, antigamente, não havia uma coisa que na Madeira eu, eu, nós encontrámos, que era umas peles de cabra para transportar o vinho para...*

INF1 Borrachas.

INF2 Borrachas. Era borrachas.

INF1 Era feito de cabra, com uma cabra.

INQ *Havia também cá, borrachos?*

INF1 Havia.

INQ *Como é que faziam, como é que preparavam, como é que preparavam o borracho? Ainda preparou algum ou não?*

INF1 [AB|A ca-] {PH|na=Não}, {PH|nẽ=não}. A cabra era morta por um ouvido {pp} e era por (o) /um\ ouvido. Era morta por um ouvido para não estragar [AB|a{fp}] a pele e depois ({CT|ti' ravũle=tiravam-lhe}) [AB|a{fp}] a pele {pp} e {PH|tu' favũ=estufavam} (e) {PH|fe'ziũ=faziam} um borracho.

INQ *O que é estufar?*

INF1 Estufar é [AB|fazer co-] amarrar [AB|a] as pernas e{fp} a coisa; é de ficar só {PH|a=a} boca; [AB|fazer o{fp}] estufar {CT|'pelẽ=para ela}{fp} estufar e{fp} pronto.

INQ *E não, não lhe cortavam o pêlo, não rapavam?*

INF1 O pêlo era todo cortado, primeiro, {CT|pa' tẽw̃=para então} depois começar a continuar {CT|aker'tar=a acartar} vinho.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST07-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Hipérides <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 662-750	<b>Inquiridor2:</b> Luisa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> O terreno, configuração e constituição	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 07	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

*INQ1 Portanto isto eram, aqui era uma levada, era?*

INF1 Era levadas.

*INQ1 E que vinham de aonde?*

INF1 Vinha dos matos desde lá de cima.

INF2 (...)

INF1 Vem daqueles picos {pp} a água ter aqui. Tem uma levada assim por aí fora e {fp} vai-se sempre metendo água dentro, naqueles ribeiros, tapa-se (...).

*INQ1 Mas não havia uma nascente, não havia nascente, lá?*

INF1 Não, aquilo vem; isto {PH}nã=não} é água de nascente. Isto é água que, quando chove, obedece às levadas (...).

*INQ1 Era só de, de, de... Mas, mas não há nascentes cá na ilha?*

INF1 Há {fp} nascentes mas é umas coisas só para se beber [AB]lou {fp}. {fp} {PH}nã=Não há nascentes [AB]de {fp} de encher poços.

*INQ2 De grande quantidade de água, não?*

INF1 Não há.

*INQ1 Olhe e nunca cá se fez daqueles poços de furo, para ver se havia água?*

INF1 Então {PH}nã=não} fizeram?

*INQ1 E não há?*

INF1 Aqui {fp}, eles andaram fazendo e deram com água.

*INQ1 Então, e para onde é que foi essa água?*

INF1 Mas essa água é dum senhor [AB]de {fp} de Lisboa. Veio aqui [AB]lumas, umas] umas máquinas por conta [AB]de do governo {pp}; (veio e) andaram aí a experimentar a água. Mas depois condenaram a água, que a água diz que era muito salgada. {pp} Condenaram, a água. {pp} Bom, agora veio um senhor – que ele {PH}nã=não} sei bem o nome dele –, {pp} já tem aí uma casa no Porto Santo.

É um homem, um senhor muito rico, tem [ABlum bocadi-] um bocadinho de fazenda e agora{fp} tem andado aí a explorar a água. Foi o que ficou lá em baixo com o {pp} Novo Mundo. {pp} O hotel, o Novo Mundo.

*INQ1 Ah, sim, sim.*

INF1 Ele ficou com o hotel Novo Mundo. E agora, ele {IP|ta=está} explorando esta água, que é para juntá-la toda e levá-la para lá.

*INQ1 Pois é. Mas isso faz cá falta é aqui para estes sítios, não é?*

INF1 Não faz falta que ela {IP|tavẽ=estava} perdida. Se (um dia) ele {PH|vũ)=não} aproveitasse, a gente {PH|nẽ=não} sabia, eles {PH|nẽ=não} sabiam dela.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST08-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> Agamémnon <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 800-880	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> O vinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 08	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

INF1 Acolá, aquelas plantas é que é salgueiros.

INQ1 *Qual?*

INF1 Aquelas que estão acolá.

INF2 (...)

INF1 (Aquela que está) /Aquelas que estão\ acolá, na roda do caminho, (ali naquele) pé, que {IP|ta=está} no caminho?

INQ1 *Sim.*

INQ2 *Sim.*

INF2 (...) (Aquelas) mais verdes (...).

INQ1 *Estas mais verdes. Ah, isso é que chamam salgueiro? Aquilo é, para nós é cedro. Para mim aquilo é cedro.*

INQ2 *Cedro.*

INF1 Hã, hã, ao contrário!

INQ2 *Pois é.*

INQ1 *Porque, para vocês, a tamagueira é, é tipo cedro.*

INF1 É cedros.

INQ2 *Ah!*

INQ1 *Está bem. Bom.*

[Corte na gravação original]

INQ1 *Claro, para a gente saber. Portanto, a zona do vinho do Porto Santo, era esta aqui, da Camacha. Ou havia outras zonas aqui da ilha onde também havia, onde também se fazia?*

INF1 Então não havia? [ABIHa-] Havia aqui esta zona que se chamava as Alagoas {pp} – quando (se alevou) – {pp} e havia aqui, por aqui abaixo... Como é que se chamava{fp}?

INF2 As Areias.

INF1 As Areias, mas havia, mas tinha outro nome.

INQ1 *Mas isso eram vinhos diferentes ou não? Ou era o mesmo vinho?*

INF2 Havia (...).

INF1 {PH|nẽ=Não}, {CT|pra'ki=para aqui} [AB|era, era] era vinho de 'canim', chamavam {PH|lar'mørj<sup>u</sup>=armourio'}.

INQ1 *Sim. E o seu é listrão. Aqui assim...*

INF1 {PH|nẽ=Não}. Eu, este que eu tenho é {PH|lar'mørj<sup>u</sup>=armourio'} e o listrão era aqui mais numas alagoas que havia. Aquelas areias era mais 'canim'. [AB|Que a gente dá... Tanto diz-] Tanto se dá o nome de 'canim', como ({PH|i=lhe}) dão o nome de {PH|lar'mørj<sup>u</sup>=armourio'}. Na Madeira é o mesmo vinho {pp} e (davam) /lá dão\ o nome de 'canim'.

INQ1 *Eu sei, eu sei qual é. E esse é, as Areias era o quê? Era uma terra mais de areia, também?*

INF1 É mais areia.

INF2 Por a parte de...

INQ1 *E tinha que se pôr mais fundo, não, o bacelo?*

INF1 Mais ou menos.

INQ1 *Era a mesma coisa que aqui? Meio metro?*

INF1 [AB|E é um lugar] E é um lugar que dá {pp} [RP|dá] {pp}, chovendo, {PH|nẽ=não} precisa regar. Dá mesmo sem regar. Mas é preciso chover.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST09-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 936-1057	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> A caça	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 09	

*INQ1 Do senhor Abílio?*

INF Do Abílio. Porque andava na caça, no primeiro dia de caça.

*INQ1 Sim.*

INF E, já se sabe, andavam todos [ABla co-], quatro ou cinco, a caçar e {fp} o rapaz {pp} meteu-se {CTlkø=com a} espingarda {pp} num certo sítio – neste, enfim, nestes cedros, tamagueira, naqueles cedros que {IPlta=está} acolá...

*INQ1 Sim.*

INF E o outro rapaz, que acho que viu o coelho, atira {PHlɔ=ao} toiro [ABle{fp}] e deu nele. Não o viu. Diz que não viu. Ora, primos, filhos de irmãos, é impossível que... A {PHlnẽ=não} ser que fosse uma zanga bem funda [ABlmas nunca {pp}] nunca a gente quer a morte.

*INQ1 Pois, claro, claro, claro. É evidente. Claro. Não. Não, claro.*

INF E dá-lhe o tiro... Bem, ele {fp}, não sei se é o lado o direito se é o esquerdo. O olho que {PHlli=lhe} saltou logo. E este diz que está muito cosido. E dizem que {fp} este olho {pp} que comunica com este lado.

*INQ1 Pois.*

INF (Claro) /Eu cá, já se sabe, eu {PHlnẽ=não} sei ler e {PHlnẽ=não} coisa.

*INQ1 Claro.*

INF E então ele {IPlta=está} {pp} do olho que... E o outro olho, ele não vê nada. Do lado que ele {fp} tem o olho, {IPlta=está} paráltico e do lado que não tem o olho, mexe {pp} mas... O pai diz que {PHlli=lhe} perguntou {pp} se ele {pp} o que é que dizia, se {fp} gostava mais da noite se do dia. Ele disse: "Pai, de que serve eu dizer, porque eu {PHlnẽ=não} sei se é noite se é dia".

*INQ1 Coitado.*

INF E era o chefe [ABlde]do gado da serra – um rapaz [ABlque se] que (se) desenvolvia com {fp} carneiros, com {fp} vitelos, com {fp} cabritos, com cabras.

*INQ1 Mas ainda era novo?*

INF Ah, um rapaz talvez dos seus trinta{fp} e um, trinta e dois!

*INQ1 E que, mas quando é que foi? Foi este ano, agora, na caça?*

INF Foi no primeiro dia de caça. Eu nem sequer sei em que dia foi. Foi agora no primeiro [ABlde{fp}] de Outubro, talvez, ou no dia dois.

*INQ1 Que horror!*

INF Sim senhora.

*INQ1 Ai, isso deve ser uma tristeza!*

*INQ2 Ai, que horror. Olhe que o outro, que deu o tiro, também deve estar... Coitado.*

*INQ1 O outro também deve estar... Claro.*

INF Oh, deve (de) estar mas {fp} {pp} {IP|ta=está} com saúde e não teve culpa e o outro que [ABltem a su-] tinha a sua vida por a frente, {pp}

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Pois é.*

*INQ1 Claro.*

INF que se arranjava tão bem; um homem que tinha tanto gado, tinha aquela serra toda por sua conta mas... {pp} Foi uma coisa, uma coisa {fp}

*INQ2 Que desgraça!*

INF que a gente... Foi, foi. Que ainda ontem [ABlo se-] – antes de {RClont=ontem}, domingo – o senhor Abraão [ABldo su-], que tem dois supermercados, {IP|tevi=esteve} aqui, falando até com o meu marido – é um senhor que veio ver se comprava esta fazenda, [ABlfazenda do{fp}], Funchal] um senhor do Funchal – e ele disse: "Foi [ABlo{fp}] a quebra maior que houve no Porto Santo foi aquele rapaz". Que era um rapaz que transportava carne, {CT|pç]=para os} supermercados; então já sabe que [ABltudo] tudo gosta é de carne fresca; tudo gosta é carne fresca e o homem tinha. Sim senhor.

*INQ1 Coitado.*

INF E é assim {pp}

*INQ1 Realmente.*

*INQ2 Que pena!*

INF a nossa vida.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST10-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1248-1456	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> A passagem do tempo – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 10	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF Sim, também se dizia: "{IP|ta=Está}, ((IP|tavø=estava)) lá; olha, lá está ela focinhando".

{PH|iti<sup>1</sup>ravūs=Enterravam-se}. [AB|IO meu pai chegou a ter] Porque – já se sabe – naquele tempo, a gente {pp}, era um poder de filhos e não havia comer, não haveria. Mesmo o dinheiro era pouco {pp} e não havia tanta experiência como agora. Isto agora... Não havia electricidade naquele tempo, não havia ferro eléctrico, não havia {fp} nada. Nem casas-de-banho havia!

*INQ1 Pois, pois.*

*INQ2 Pois.*

INF Para quem era mais pobre, não havia casas-de-banho. Eu cá, lembra-me muito bem, que eu já vou fazer sessenta [AB|le cin-] e três anos, lembra-me muito bem de {fp} as coisas que havia, pobreza...

*INQ1 Pois.*

INF Chegava-se {PH|o=ao} Natal; toda a gente estava desejando de chegar {PH|o=ao} Natal, que era para comer massa e arroz {fp} e um bocadinho de carne. E minha mãe chegava a partir uma laranja para dois, porque {PH|nũ=não} havia, {PH|nũ=não} havia dinheiro que comprasse. Havia laranjas mas {PH|nũ=não} havia dinheiro que comprasse.

*INQ1 Pois.*

INF (O) meu pai era lavrador {pp}. Se {fp} chovesse, que (o) meu pai tivesse {pp} trigo e cevada para o ano inteiro, {pp} a gente tinha a nossa fatura de pão. Mas se {PH|nũ=não} havia para o ano inteiro, era {fp} deste milho! Ia-se buscar este milho, havia moinhos de vento, aqui – que agora só há um, mas o dono até morreu {pp} – e moía-se {pp} e a minha mãe fazia {fp} milho {pp}, como agora se faz deste {fp}, destas arepas, da farinha {fp} {pp} da Venezuela.

*INQ1 Ah, pois, pois.*

INF Mas a gente cá fazia era da nossa casa {pp}, milho {pp}. Se havia leite, comia-se com leite, se havia peixe, comia-se com peixe e se não havia peixe, minha mãe fazia café {pp}, dava uma chávena de café a cada um e a gente comia com o milho. E{fp} dava um jantar! Sim senhora.

*INQI Pois, pois.*

INF E eu bordava, quando eu era mais pequena, bordava, bordava... Eu enchia os lenços à roda e minha mãe então fazia o cantinho {pp}, que era para (ir) todo para casa. Trabalhei{fp} tantos anos para casa. Acertei o casamento ia{fp} – também ia fazer dezasseis anos – com este maluco que andou sempre atrás de mim, que isto é mais velho dez anos que eu! [AB|Acert-, acertei o casamento, já se sabe que{fp}] Acertei o casamento, tinha uma{fp} colcha e um guardanapo, até era um{fp} paninho de tabuleiro. Mas fizemos aquela capela – que é de Nossa Senhora da Graça – foi com romagens e com ofertas e tudo! E dava-se aqueles paninhos, aquele {fp} croché e tudo, que era tudo para vender, {PH|pa=para a} ajuda da capela! Ora, veio uma senhora dali de cima tirar{fp} uma ofertazinha, para cada uma dar o que quisesse. Eu nem sequer ainda tinha mala, (direitamente), porque – já sabe – primeiro a gente comprava a nossa malinha; agora é que há tudo isto, há{fp} as arcas [AB|le estes{fp}] e estas cómodas e tudo...

*INQI Mas antigamente era com...*

INF Era uma malinha, que minha mãe tinha, meia velhinha e disse: "Olha, pois a mãe vai-te dar aquela malinha para tu pores as tuas coisinhas". Ora, [AB|tinha] tinha a colcha e o guardanapo, veio uma senhora e disse: "Olhe, venho aqui [AB|ver se] ver se (nos) quer dar alguma coisa {PH|pa=para a} capela, porque vai-se fazer a romagem, vai-se levar areia e tudo". E eu vou àquela mala e dei o guardanapo. Ora, uma rapariga que já andava para casar, que tinha uma colcha!

*INQI Pois é!*

INF Mas dei o guardanapo a Nossa Senhora, graças a Deus! E a minha vida foi crescendo e ao depois eu casei-me; fiquei logo grávida porque eu {IP|'tavø=estava} menstruada, fiquei logo grávida. A cabo de, se pode dizer, antes dum ano, tive um{fp} menino mas{fp} {IP|'tivi=estive} muito mal, o menino morreu. Depois mais, {PH|o=ao} cabo de mais dois anos, veio mais uma menina, e{fp} daí veio, veio, veio, {pp} tenho sete, graças a Deus. Tenho um filho na Holanda, trabalhando num hospital, tenho uma rapariga casada, tenho este filho daqui, e tenho {pp} três em casa.

*INQI Que ainda são novos?*

INF Tenho uma rapariga que trabalha no hotel de Porto Santo, que é a subchefe, {pp} trabalha no restaurante {pp}, que é a Adelina {pp} e tenho{fp} dois{fp} {pp} solteiros, em casa e aqui vamos à conta de Deus.

*INQI Sim senhora, que bom!*

INF E eu bordava, bordava, bordava, o bocadinho que me ficava, bordava. Depois a minha filha, a mais velha, foi crescendo e eu fui {PH|pa=para a} fábrica da conserva, ainda trabalhei dez anos lá {pp}, mas depois acabou. Trabalhei em casa duma senhora {pp}, a dias. Ia lá{fp} umas horazinhas, a minha filha ficava em casa. Depois também eu fiquei, das pernas, (que) {IP|to=estou} muito doente {PH|de=das} minhas pernas, eu nem posso me ajoelhar. Ando. Andar, ando; mas me ajoelhar e a coisa, não.

*INQI Pois, pois.*

INF Sempre me tratando. O Senhor Doutor já me quis operar dos joelhos mas eu {PH|nẽ=não} quis.  
{pp} O Senhor Doutor{fp} {pp} Absalão e o Senhor Doutor Abúndio {pp} e eu nunca quis ser operada.  
*INQ1 Pois.*

INF Depois deixei de trabalhar nessas casas [AB|de{fp}] dessa senhora. Depois eu falei com o senhor lá [AB|da{fp}] da Caixa e disse: "Olhe, Senhor Acácio não posso trabalhar, como é que vai ser a minha vida"? Ele disse: "Olhe, a Senhora Adeltrudes traz-me os seus papéis {pp}, que é {PH|pa=para a} gente ver o que faz, ver se pode"... Então, graças a Deus, fui ao Funchal, a uma junta-médica e, graças a Nossa Senhora, pedi tanto a Nossa Senhora de Fátima {pp} que me auxiliasse, (a) ver se eu ganhava qualquer coisa, então, graças, fiquei ganhando. Nessa altura, era treze contos {pp}, mas agora, graças a Deus, já se sabe...

*INQ1 Que era pouquinho. Vai subindo.*

INF É vinte seis, mas nem se vai dizer que é uma fortuna, mas{fp} {pp} sempre é melhor que nada.

*INQ1 Pois. Não é uma fortuna, não.*

*INQ2 Pois claro que não é.*

INF E aqui vamos à conta de Deus.

*INQ Sim senhor.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST11-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1999
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> analfabeta
<b>Informante2:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> Hipérides <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1487-1575	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> O porco e a matança	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 11	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF1 Chega-se ao Natal, oito dias antes do Natal, quinze dias antes do Natal...

*INQ* É o dia de quê?

INF1 É o dia da morte do porco.

*INQ* Sim senhor.

INF1 Amassa-se o nosso pão. Quem tem pão, farinha de casa. Amassa-se o nosso pão, põe-se o nosso pão, dum dia para outro, preparado. [AB|Ti-] Quem tem vinho, tira dois, três garrafões de vinho, põe ali...

*INQ* E o que é que se faz?

INF1 E o que é que se faz? Às vezes...

*INQ* Há um homem que vem para...

INF1 Vem matar o porco, já se sabe...

*INQ* Como é que se chama esse...?

INF2 Matador.

INF1 É o matador {pp} [RPlé o matador]. Faz-se, (olhe), faz-se o nosso comer, ou o nosso almoço... Quando o porco é morto de manhã {pp}, faz-se almoço [AB|de{fp}] às vezes de peixe, que é por causa de na parte da tarde ser o sarapatel {pp}, da fressura do porco. E quando é na parte da tarde, [AB|(é)] espera-se que eles {PH|'ajbrũ=abram} o porco e (tire) /tirem\ a fressura – como a gente {PH|li=lhe} chama –, já temos o sangue a escaldar {pp}, para{fp} esfarelar, para deitar naquele guisado e depois está o guisado pronto {pp}. Põe-se tudo na mesa, com semilha, com cenoura, com a...

*INQ* Sim senhor. Então mas pronto. Mas o matador? O que é, o que é que se tem que fazer ao porco antes, quando está, quando chega o matador? Tem que se agarrar o porco e pô-lo aonde?

INF1 Abre-se o curral, eles pegam com uma cordinha, aí uns quatro ou cinco homens

{PH|'dejtũ=deitam} o porco no chão e {fp} {pp}... E lá vai, lá (ele) vai. O matador mata.

INF3 E pronto e mata-se.

INF2 (Mas até é engraçado).

INQ E então não, e quem é que agarra, onde é que, como é que se agarra o sangue?

INF1 {PH|v'ɣarũ=Agarram} nas pernas, {PH|v'ɣarũ=agarram} no rabo e...

INQ Não, o sangue?

INF1 O sangue? É qualquer uma rapariga [AB|que{fp} {PH|nẽ=não} tenha{fp}], ou rapaz, que {PH|nẽ=não} tenha medo!

INF2 Rapariga ou rapaz!

INQ Sim senhor. E leva o quê?

INF2 Uma vasilhinha qualquer.

INF3 Uma banheira.

INF1 Leva uma banheirinha. E chega a dentro de casa, a gente {PH|'fajɫi=faz-lhe} uma cruz, naquele sangue, (aquilo faz um)...

INQ Portanto, é uma banheira sem nada dentro?

INF1 Uma banheira sem nada dentro.

INQ Nem sal, nem nada?

INF1 Nada. Aí chega-se a dentro de casa, faz-se {pp} uma cruz naquele sangue, aquele sangue parte, fica em quatro quartos e depois descansa um pedacinho; deita-se, aquece-se a água na panela e deita-se a água dentro da panela {pp}, deita-se aquilo dentro da panela, aquilo coze; depois esfarela-se, noutra vasilhinha{fp}, fora, noutra banheirinha e depois – quando{fp} a fressura{fp} também{fp} vem do porco – {pp} é deitada dentro da panela para esquentar. Depois é tirada, dá-se-{PH|lũ=lhe um} banho em água fria para arrefecer, {CT|pa=para a} gente cortar tudo {PH|ɔj=aos} bocadinhos e {fp} cozer com cenoura, com semilha ou com tomate ou...

INQ Sim, sim. Isso... E isso é que é o sarapatel?

INF1 Isso é que é o sarapatel. {pp} É um jantar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST12-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 07 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 159-312	
<b>Assunto:</b> O porco	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 12	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF Isso as tripas, às vezes, alguém, há quem aproveite e, às vezes, há quem não aproveite.

*INQ Ai é?*

INF Aquelas muito {fp} grossas, muito coisa, que têm muitas voltas, há gente que não aproveita; mas, de primeiro, aproveitavam tudo. {pp} De primeiro, até quando o porco {pp} era morto de manhã, até {CT|pç=para o} {RC|janta-=jantar} – ah, com licença –

*INQ Não faz mal.*

INF {CT|pç=para o} jantar já havia [AB|lesse{fp}] esse jantar de tripas, feito com arroz, um arroz bem temperado. Ficava bom, porque aquilo era bem rapado [AB|bem rapa-]. Minha mãe, que Deus haja, ia {CT|pa=para a} casa de uma tia minha, defronte {PH|ç=ao} hotel Porto Santo e a gente ia, pequeninas, a gente ia. Ia-se a pé, por aí abaixo. Dava-se a mão {PH|ç=aos} irmãos, que eu também tive {pp} cinco irmãos, e: "Vai {CT|pa=para a} casa do tio Acanto" – isto é que a gente {PH|li=lhe} chamava: – "Vamos a casa do tio Acanto, ({CT|ta=até à}) /{CT|pa=para a}\ morte do porco".

*INQ Sim senhor.*

INF [AB|Eu rapa-, minha m-] Minha mãe, que Deus haja, mais minha avó, rapava aquelas tripas e minha tia cá era só para destinar, para {IP|ta=estar} só com a lista, de ver quem é que {fp} queria a carne. Porque matavam o porco – um queria três quilos, outro queria quatro e minha tia tinha aquela lista e ia dizendo: "Olha, dois quilos para fulana"! Nem podia sequer fazer o jantar. Minha mãe mais minha avó é que tomava conta do jantar.

*INQ Pois.*

INF E era assim.

*INQ E portanto, essas, havia as tripas mais grossas e outras mais...*

INF Sim.

*INQ Mais quê?*



INF O intestino mais grosso.

INQ *E o outro era mais quê?*

INF E o outro é o intestino mais fino.

INQ *Mais fino. E depois...*

INF [AB|Perto do{fp}] Perto do{fp} bucho. Sim senhor.

INQ *O bucho. Havia o bucho do porco.*

INF Havia o bucho.

INQ *Olhe, e na fressura, aquelas, bocados de... A fressura era o quê?*

INF Tem o fígado, tem o coração e tem o bofe. {pp} E a passarinha é tirada separada. A passarinha, até fazem uma espetada; antes de {PH|tar=estar} a{fp} coisa, até fazem uma espetada {pp} da passarinha.

INQ *Ah, sim senhor. Olhe, e as tripas, não estavam todas agarradas por uma coisa, uma pele que era toda à volta?*

INF Tem.

INQ *Como é que lhe chamavam?*

INF Chamavam-{CT|le=lhe a{fp}} coisa{fp}, [AB| o {fp}]... A gente até {PH|li=lhe} chamava era um véu. [AB|(Ma-)/Uma\, (Que era)] Parecia{fp} um{fp} véu duma...

INQ *Exactamente.*

INF Sim senhora.

INQ *Um véu. E, e agarrado às tripas, não havia umas gorduras que eram boas para, para aproveitar?*

INF Pois é esse véu – com licença que eu lhe toquei –

INQ *Não faz mal.*

INF [AB|lé esse] era esse véu que{fp} minha mãe cortava mais minha tia e derretia. E aqui à ilharga do porco {pp} – isto era assim aberto, havia as ilhargas do porco –, tiravam aquelas banhas, mas umas banhas grossas. Parece que eu {IP|to=estou} vendo meu pai meter assim a mão...

INQ *Pois, pois.*

INF Acaba tudo, tudo, tudo.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST13-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> analfabeta
<b>Informante2:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 424-578	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> O porco	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 13	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF1 É o lombo do porco é aquele que faz a costura. Fica metade para quem (devem dar (...)) serrado).

E [ABla{fp}] eles {fp} quase que {PHlti' ravũ=tiravam} sempre; quem queria três, quatro quilos, {PHlti' ravũ=tiravam} sempre {pp} do lombo {pp} à barriga.

*INQ1 Ah, está bem.*

INF1 É, (e) duma e doutra. Sim senhora. Vê que (há)...

*INQ1 E lombinhos, também não havia nada que chamassem os lombinhos?*

INF1 Não.

*INQ1 Não.*

INF1 Era o {RCllom=lombo}: [ABlse (vais)] "Fulana quer três quilos, fulana quer quatro quilos. Olha, parte-se do lombo"...

*INQ1 Portanto, ninguém fazia, guardava a carne toda em casa para ele? Repartiam por outros, ou não?*

INF1 Aqueles casais mais

*INQ1 Com mais dinheiro e isso é que...*

INF1 [ABlcom mais arran]-, {fp} {CTlku=com o} seu governo todo, em casa, [ABlo pão] ou o seu pão para todo o ano, o porco comia do {pp} comer de casa, cevada e trigo...

INF2 [ABIDesta mata-] Desta matação, (eu,) /ele\ /{fp}\ (guardou-se todo em casa).

*INQ1 Esses, esses ficavam com a carne toda.*

INF1 Mesmo era pequenino.

*INQ1 Pois. Sim senhor. Olhe, e, e por exemplo assim, aqui esta parte, como é que lhe chamavam?*

INF1 É {PHla=a} mão.

*INQ1 À mão. E esta aqui detrás?*

INF1 (É) {PHla=a} coxa.

INQ1 *Sim senhor. E a mão tem assim esta parte mais dura cá por dentro, como é que lhe chama? Que até tem que se...*

INF1 Tem o osso. Temos que serrar.

INQ1 *O osso?*

INF1 [AB|O os-]

INQ1 *E dentro do osso o que é que tinha?*

INF1 Tem o tutano.

INQ1 *Que também se come?*

INF1 Há gente que não, (que eu não comia). Eu cá não como.

INQ1 Não. Mas põem na sopa, ou faz sopa com isso, ou não?

INQ2 *Quando é de vaca?*

INF1 Ai{fp}, {PH|nẽ=não} me fale em carne de vaca, minha querida!

INQ2 Não gosta?

INQ1 *Olhe e as, as, essa carne branca, essa branca misturada com, com febra...*

INF2 (Carnes) gordas.

INF1 Come-se.

INQ1 *E chamam-lhe o quê? Essa branca misturada com a...*

INF1 É a carne com gordura. Vai-se misturar carne com gordura, (porque) /que\ a carne gorda...

INQ1 Não há nada aqui que se chame o toucinho?

INF1 Ah, o toucinho ninguém faz, minha querida, {PH|nẽ=não} vê, cá {PH|nẽ=não} fazem.

INQ1 Não. Pronto, sim senhor. E a banha também não se tirava assim inteira?

INF1 Pois tirava-se.

INQ1 *E como é que lhe chamava uma coisa, uma peça aqui inteira de banha? Tinha algum nome ou não?*

INF1 Não. É aquele pedaço de banha {pp}, é {PH|a|=as} banhas. Chama-se as{fp} banhas{pp}. Vai aquilo para uma banheira e deita-se-{PH|l=lhe} umas pedrinhas de sal. Quem puder derreter esse dia, derrete; quando não, [AB|deita, dep-] deixa {CT|põ=para o} outro dia. No outro dia corta-se aquilo tudo {PH|o|=aos pedacinhos, deita-se-{PH|l=lhe} água para{fp} [AB|tomar] tirar o pedacinho de sal {pp} e{fp} é derretida.

INQ1 *E faz-se o quê?*

INF1 Os torresmos. E faz-se a banha.

INQ1 *A banha e os torresmos.*

INF1 [AB|Deita-se] Deita-se [AB|de-] dentro numa vasilha para arrefecer...

INQ1 *E aquela parte aqui gorda do porco?*

INF1 É a papada.

INQ1 *E faz-se alguma coisa com a papada?*

INF1 Faz-se sopa.

INQ1 *Sim senhor.*

INF1 Corta-se {PH|o|=aos} pedaços, deita-se-{PH|li=lhe} sal e...

INF2 (...)

INF1 A cabeça quase toda é mesmo salgada [AB|na] na ocasião, porque {pp} os ossos da cabeça

{PH|nẽ=não} pode {IP|tar=estar} muitos dias nem por cozer, nem [AB|por{fp}] por salgar, porque...

INQ2 Salgar.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST14-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 631-695	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 14	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

*INQ1 Olhe, e quando se salgava carne, onde é que, não havia uma coisa que se, onde se punha a carne toda salgada?*

INF1 Então não é? Era uma salgadeira. De primeiro, era uma salgadeira de madeira, que minha mãe tinha.

*INQ1 De madeira? E que punham o quê? Iam pondo a carne e o sal...*

INF1 [ABIE punha {fp}] Salgavam. O meu pai salgava numa banheira e depois ia arrumando direitinho. E a cartola era de madeira por fora e por dentro era coberta de cimento {pp}, para {PHInẽ='não} derramar a moira. [ABIA moi-]

*INQ1 Para não derramar o quê?*

INF1 Derramar a moira. Porque a moira tinha que abafar a carne, quando não, dava-lhe o ranço.

*INQ1 E como é que se fazia a moira?*

INF1 Era com sal {pp}. Eu fazia com sal e depois deitava-{PHI|=lhe} um ovo. Se o ovo viesse acima de água {pp}, a moira {IP|'tavẽ=estava} pronta.

*INQ1 Portanto, depois de cobrir tudo com sal, deitavam-lhe a moira por cima?*

INF1 Sim senhor. E até minha mãe punha umas pedras {CT|pa=para a} carne {PHInẽ=não} levantar. Sim senhor. Ainda me lembra [ABlo]...

*INQ1 E quanto, e quanto tempo é que isso durava? O ano inteiro?*

INF1 [ABIEra co-, p-, podia-se] Podia-se salgar hoje {pp} e já começar a comer {fp} amanhã. E se tivesse carne que desse {CT|põ=para o} ano inteiro, mas estava em cima daquela moira, nunca se {PHI|=lhe} tocava {CT|ke|=com as} mãos...

INF2 Era tirado {CT|kũ=com um} garfo...

INF1 Era tirado {CT|kũ=com um} garfo [ABle a moira {PHInẽ=não} {fp}]. Porque {fp} tocando {CT|ke|=com as} mãos, a moira {pp} ficava estragada.

INF2 (Que) estraga a moira.

INQ2 Estraga-se.

INQ1 Estraga-se.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST15-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Luísa Segura da Cruz <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 783-898	
<b>Inquiridor2:</b> Gabriela Vitorino	
<b>Assunto:</b> Ofícios, profissões e outras actividades – generalidades	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 15	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF (Mas) já {PHInẽ=não} faço trabalho como eu fazia. Cheguei a fazer trabalho{fp} {pp} de{fp} {pp} noventa{fp}, cem, cento e tal meadas, toalhas de dois metros e meio {pp}. Mas agora já nem (dá) /dava\...

*INQ1 Quanto tempo é que demorava a fazer uma toalha ?*

INF Demorava bastante. Mas elas {PHInẽ=não} se importam!

*INQ1 Pois.*

INF Elas {PHInẽ=não} se importam porque {fp} querem é que fique boa.

*INQ1 Pois claro.*

INF Isto agora é uma senhora da vila muito {pp}, muito conhecida {pp}. Mas ela paga, coitadinha, ela paga {pp}. {PHInẽ=Não} tenho que dizer dela. {PHInẽ=Não} sei se têm o conhecimento [ABldo{fp}]...

*INQ2 A gente não conhece ninguém de cá.*

*INQ1 Não, não conhecemos ninguém aqui.*

INF (Ah, pois. É a) mercearia ao lado do supermercado {pp} – quem vem {CTlpa=para a} padaria, {IPlta=está} ali uma mercearia...

*INQ2 A padaria sabemos que já lá fomos comer, à padaria.*

INF Sim. {pp} [ABIE{fp}, e quem vem] {pp} Quem vem por aquela que passa a ponte, uma ponte {fp} ao lado de cima da praça, onde tem {pp} – há o supermercado – {fp} barracas de vender fruta e é mesmo aquela mercearia que {IPlta=está} ali {fp}. Não há mesmo outra mercearia, no Porto Santo. É só aqueles três supermercados {pp}. Mas aquele senhor, como a casa é sua e tudo, {PHInẽ=não} quer largar o seu {fp}... Também {PHInẽ=não} vai para outra banda.

*INQ1 Pois.*

INF E é assim {pp}. Ela agora [AB|vai ter u-, a ne-] – a filha vai ter um menino, que é o primeiro menino – quer fazer a{fp} colchinha da alfofa, mas quer fazer com folhos e já se sabe.[AB|(Lá todo)] {pp} E eu é que pago.

*INQ2 Como?*

INF Eu é que pago para bordar. Tenho que bordar (isto). Isto é miudinho mas eu [AB|já ve-] já vou vendo pouco por os óculos e uns óculos é vinte e tal contos e{fp}... É um problema que esta gente de Porto Santo tem, muita gente. Mas muita gente ainda (ganham) /ganha\, graças a Deus.

*INQ2 Pois é. Mas antigamente muita gente bordava, não?*

INF Ah, muita gente bordava. [AB|Nem] Nem tudo. Assim para noivos ou{fp} para coisa, nem toda a gente borda. Há gente que borda muito mal feito. Na casa de bordados, mais depressa passa mas, às vezes, ainda {IP|ta=está} certas casas que mandam trabalho para trás {pp}. (E) agora praticamente já [AB|m-] muitas casas fecharam.



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST16-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> analfabeta
<b>Informante2:</b> Afonso <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 916-1330	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> Panificação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 16	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

*INQ1 Mas acho que ainda há um senhor, falaram-me dum senhor velhote, que vive no Tanque e que foi moleiro...*

INF1 Vive, sim senhor.

*INQ1 Tem ideia?*

INF1 Tenho, sim senhor.

*INQ1 É para, a gente até tinha o nome dele, Abdão, acho eu.*

*INQ2 Tenho aqui.*

INF1 É. [AB]É um senhor que{fp}} {pp} Quem vem do aeroporto, {pp} quem vem da vila  
{CT}pɔ=para o} aeroporto,

*INQ1 Sim.*

INF1 ele fica ali {pp} mesmo ao pé daqueles poços [AB]de{fp}} da água, ali [AB]{PH}o=ao} pé da{fp}} no Tanque, [AB]an-] ao entrar (o) /ao\ aeroporto. Vem-se da vila,

*INQ1 Pois e vira-se para o...*

INF1 tem uma estrada {CT}pra'kɔj=para aqui}, que vem {CT}pa=para a} gente e tem outra que vai  
{CT}pɔ=para o} coisa. À esquerda, tem uma casa [AB]um um refo-, um refug-].

*INQ1 Logo, logo quando se entra?*

INF1 [AB]Uns{fp}}, qua-] Mais ou menos ({PH}kwẽti=quantos) metros, Afonso, para chegar  
[AB]àquele{fp}} {pp} ao poço da água?

INF2 De onde?

INF1De{fp}} acolá, (à partilha) daqui da Camacha {CT}pɔ=para o{fp}} aeroporto?

INF2 Cinquenta metros.

INF1 Mais ou menos uns cinquenta metros. [ABIE-] Ele depois tem, passa-se aquele reforço, que é da água e depois tem uma entrada com uma casa velhinha ali. E é mesmo ali naquela casa, perguntam onde é a casa do [ABISenhor Ab-] Senhor Abdão, que eles vão-{PHlli=lhe} dizer. Ah, [AB|se esse se-] *INQ1 Pois é. A gente queria lá ir falar com ele para ele nos contar como é que era antigamente aquela parte do moinho.*

*INQ2 O moinho.*

INF1 [AB|se esse senhor] se esse senhor que foi moleiro tantos anos! Agora, é que, já se sabe, {IP|ta=está} um senhor {PH|vε'λɔtu=velhote} e {fp} já {PH|nẽ=não{fp}}...

*INQ1 Pois.*

INF1 [ABIEle, ele até] Ele até tem um casal consigo por causa que a mulher morreu e ele agora {pp} tem esse casal consigo.

*INQ1 Pois é. Então como é que se fazia o pão, Senhora Acidália?*

INF1 Ora, fazia-se o pão... Quando era de trigo da terra, peneirava-se a farinha, {pp} duas vezes e depois é que {pp} se deitava dentro da vasilha. [ABIEra uma va-] Podia ser uma vasilha de pau e podia ser uma vasilha de barro e, agora, praticamente, é nestas {fp} banheiras plásticas. Tenho a minha banheira que é mesmo só daquele {fp} serviço.

*INQ1 Então e as vasilhas de pau eram, como é que lhe chamavam, essas vasilhas? Como é que se chamavam?*

INF1 Era uma selha.

*INQ1 Uma selha.*

INF1 Uma selha ou um alguidar. Quando era redondo, que havia, [AB|dum{fp}] dum tronco de madeira, [AB|fazi-] de primeiro {PH|fε'ziũ=faziam}: daquele tronco grande, {PH|kur'tavũ=cortavam} um pedaço, {PH|ti'ravũ=tiravam-lhe} aquela {fp} parte toda e ficava {pp} inteiro. {pp} Era o alguidar.

*INQ1 A esse chamava-se o alguidar?*

INF1 Chamava-se o alguidar. E {fp} havia outros que {PH|'erũ=eram} {pp} {CT|kεf=com as} tabuinhas postas, tal e qual {CT|kumaf=como as} cartolas. É {CT|kumaf=como as} cartolas, {PH|'erũ=eram} mais...

*INQ1 Pois. Já estou a ver como é que é, com arcos de ferro e tudo. Sim senhor.*

INF1 Sim senhora. Minha mãe chegou a amassar bastantes vezes numa dessas. E agora praticamente, isso {PH|εkε'barũ=acabaram} {pp} e é nestas {fp} [AB|banheira plá-], uma banheira plástica.

*INQ1 Portanto... e peneiravam aí para dentro?*

INF1 Peneirava-se. Peneirava-se duas vezes, tirava-se {pp} – a gente dizia – tirava-se o farelo e depois coava-se [AB|para{fp}] para tirar o rolão. Desse mesmo rolão, havia gente que fazia o pão. Fazia o pão do rolão para {fp} torrar ou comer mesmo assim. Ficava gostoso, do trigo da terra! Esta farinha da padaria cá {PH|nẽ=não} tem rolão!

*INQ1 Pois.*

INF1 E a outra amassava-se, já (se) sabe, amassava-se o pão, depois acendia-se o forno. Quando a gente via que o forno {IP|'tavε=estava} muitos dias {pp} sem cozer pão, dava-se-{PHlli=lhe} mais

uma coisinha de lenha [AB|para{fp}] para fazer o desconto. E quando a gente amassava de oito em oito dias, já se sabia, mais ou menos, o forno, {pp} que a temperatura que andava quente {pp} e o pão {pp} deixava-se a levedar [AB|na, na banh-] no alguidar...

*INQ1 Mas como é que fazia, o que é que, tinha que misturar outras coisas, portanto, peneirava...*

INF1 (Não,)/Nem\ é o fermento. É o fermento e o sal.

INF2 (É para ele entrar). Aquele, filha, cabe?

*INQ1 Ai, é para entrar para aqui. Chega...*

*INQ2 É a sua filha?*

INF1 Botava-se (o) fermento e o sal.

*INQ1 E como é que, e como é que fazia, como é que arranjava o fermento?*

INF1 A gente tinha o nosso fermentinho sempre de casa. A gente chamava só o crescento [AB|deixava-se{fp}].

*INQ1 Chamava-lhe o crescento ou...*

INF1 (É) o crescento. [AB|Tinha] Aquilo {fp} é deitado numa{fp} tacinha e tapado e era [AB|à noi-] na sexta-feira à noite. A gente deitava uma coisinha de água quente, (oh, oh); {pp} deitava-se uma coisinha de água quente, {pp} aquilo amolecia mais; [AB|de-] uma coisinha de farinha que a gente via, mais ou menos, que dava {CT|pç=para o} pão; deitava-se aquele pedacinho de fermento, no outro dia amanhecida lêvedo. Aquele fermentozinho que a gente tinha feito. Abafava-se bem abafado e [AB|no outro dia] – com licença – no outro dia {IP|tavẽ=estava} lêvedo, deitava-se naquele pão, depois [AB|fazia-se-{PH|lẽ=lhe a}] acabava-se [AB|de] de amassar, fazia-se assim, deitava-se uma coisinha de farinha por cima, uma cruz, as toalhas por cima. {pp} Quando a gente via que {IP|tavẽ=estava} bom de tender para cima da mesa, tendia-se, ao{fp} passo que o forno ia aquecendo e depois – {IP|tavẽ=estava} o pão{fp} quente – o forno {IP|tavẽ=estava} quente, deitava-se, fazia-se uma rosquilhinha – faz-se uma rosquilhinha para experimentar mais ou menos o calor do forno. Quando a gente vir que abrasa, deixa-se ficar mais um pedacinho. Mas ali uns cinco minutos, seis minutos que a gente vê que a rosquilhinha que [AB|{PH|nẽ=não} {fp}] {PH|nẽ=não} tostava de calor, botava-se o pão. (Depois)...

*INQ1 Pois.*

INF1 [AB|Quando, às vezes] Às vezes tirava-se um pão (ou) dois, experimentava-se, batia-se: "Então, ainda {IP|ta=está} pesadinho, cozia mais um bocadinho"! E assim é.

*INQ1 Batia-se por baixo...*

INF1 Batia-se por baixo, fazia-se assim, (aquilo ia coiso) /aquela coisa\ e sentia-se mesmo{fp} o peso [AB|de] do pão e quando {IP|tavẽ=estava} cozido, tirava-se e abafava-se; partia-se {CT|pç=para o} almoço, ou com peixe, ou com carne, {fp} o nosso (santo) pão. Sim. Eu faz{fp} no sábado quinze dias, eu amassei. Faz agora sábado quinze dias, eu amassei.

*INQ1 E portanto cá nunca se misturava batata-doce no...*

INF1 Onde é que {PH|ta=está}, minha querida?

*INQ2 Não há?*

INF1 Não havia.

INQ2 Não?

INF1 Há (a) batata-doce mas está quase a quatrocentos escudos.

INQ1 Não, mas antigamente não se costumava misturar...

INF1 Antigamente quem tinha de casa {fp}, misturava. [ABlAmassava] Cozia-se a batata, [ABlpela-] descascava-se e depois [ABlama-] {pp} amassava-se separado e depois é que se deitava no pão.

Limpava-se bem limpinho para {PHlnẽ=não} levar...

INQ1 Mas ficava o pão melhor, era, com a batata?

INF1 Ficava. [ABlDu-] Dura mais dias {fp} o pão mais fofo. E aí havia-o a maior parte do tempo era sem batata, minha filha, porque não havia batata.

INQ1 Sim, no continente nunca se pôs batata...

INQ2 Nunca.

INQ1 Nunca se pôs batata no, batata-doce no pão.

INF Ah, {PHlnẽ=não} põem?

INQ1 Nunca. Nunca.

INQ2 Não. Não.

INF1 Além no Funchal, [ABlaquea mai-] aquela parte mais das freguesias, acho que {IPltẽw=estão} assim mais {PHlkuftu'madẽz=acostumadas} a coisa.

INQ2 Sim, sim. Fazem.

INQ1 É, é. Sim, sim. Foi aí que eu aprendi que se punha...

INF1 Mas eu já tenho visto pão das freguesias, ou (é) /ele\ [ABl{PHlnẽ=não} {fp}] {PHlnẽ=não} {PHlli=lhe} dão o fermento {pp} que deve de ser, ou (eu) {PHlnẽ=não} sei...

INQ1 Mas, portanto, o fermento é o crescento, é?

INF1 É o crescento para...

INQ1 Mas chama-se crescento?

INF1 É o crescentinho que fica sempre. E {fp} quando a gente quer deitar um pedacinho de fermento inglês, {pp} nunca se deita no crescento, o fermento inglês.

INQ1 Então? À parte...

INF1 É à parte, junto {CTlkẽ=com a} farinha. Porque o fermento inglês, indo {CTlpõ=para o} crescento, apodrece mais o pão, mais depressa. Aquele crescentozinho que a gente temos, tem que ser sempre, sempre, sempre do {fp} nosso de casa. [ABl{PHlnẽ=Não} le-] {PHlnẽ=Não} tem que levar fermento nenhum. Agora a farinha cá, pode-se- {PHlli=lhe} deitar fermento inglês, {pp} porque {pp} antes [ABlde, de, de {fp}] de amassar o pão, tira-se outra vez o crescentozinho, do fermento que se fez à noite.

INQ1 Para ficar para a outra...

INF1 Para guardar. E é assim.

INQ1 Sim senhor. Então e, e que, que é, de que é que se fazia pão? De que farinha é que se fazia pão?

INF1 [ABIEra, fa-{fp}] Era de trigo, é de trigo ou de cevada. Minha mãe chegou a amassar pão de cevada {pp} e bolo de cevada...

*INQ1 De cevada também. E mais nada?*

INF1 E bolo de centeio cá, que (aí) havia pouco centeio, mas havia gente que mesmo {PHInẽ=não} fazia. Dizem que{fp} o centeio {pp} [ABl{CTlku=com o{fp}}] {CTlkẽ=com a} cevada, que ficava o pão melhor. Mas meu pai nunca fazia assim grandes porção de centeio que chegasse a debulhar para fazer centeio para mandar moer. Havia gente que fazia, aqui no nosso... – porque (este) /isto\ (aqui à parte) ou no campo de aviação, como este, era um sítio, que era o sítio das Areias, que era onde a minha mãe morava. Mas eu, casei-me, à conta de Deus, vim {CTlpa=para a} minha casa – mas isto {PHInẽ=não} {IPl'tavẽ=estava} assim, quando eu me casei, era só{fp} dois quartos [ABle uma cozi-] e a{fp} cozinha. Depois é que o meu marido aumentou mais esta coisinha. E eu daqui{fp}, {pp} eu {PHInẽ=não} via a casa da minha mãe. Porque aqui à nossa frente, tinha um alto, {pp} tinha um moinho de vento e (eu) {PHInẽ=não} via a casa da minha mãe! Andava {CTlpo=para o} caminho, saía daqui, andava {CTlpo=para o} caminho, depois cortava no caminho velho que, já se sabe, [ABlque] que era antes [ABldo] do aeroporto e, então, é que andava de roda e{fp} chegava à casa da minha mãe. Era perto, era os seus dez minutos. Mas {PHInẽ=não} se via a casa da minha mãe porque fazia um alto, tinha um moinho de vento e tinha terras de lavoura e tudo. [ABlNãO]

*INQ1 E tinha centeio, aqui, também se, também havia centeio?*

INF1 Então [ABl{PHInẽ=nãO} da-] {PHInẽ=nãO} dava centeio? Acolá, aquela parte de areia que dava centeio – que eu tinha um tio – que dava centeio, até [ABlf-] {PHl'si' Ravũlẽ=serravam-lhe} [ABla] {fp} a espiga e do resto, {PHlfẽ'ziũ=faziam} esteiras e {PHlfẽ'ziũ=faziam} barracas, na rua, {pp} (minha senhora). Mas agora acabou tudo. Mesmo acabou as pessoas que {PHlfẽ'ziũ=faziam} isso {pp} e as nossas chuvas {PHInẽ=nãO} têm ajudado.

*INQ2 Pois é.*

INF1 As nossas chuvas {PHInẽ=não} têm ajudado. E agora tudo (se importou) e tudo quer ser empregado, tudo quer ser empregado (e) ninguém quer trabalhar.{pp} Ninguém quer trabalhar.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Ninguém quer trabalhar.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST17-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> Afonso <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 00-220	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Panificação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 17	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99

INF1 {PHInẽ=Não} ponho inteiro assim para eles ir cortando. Corto a meio {pp} e depois daquela metade, (faço) /faço-o\ às fatias.

*INQ Sim senhor. Olhe, e para os miúdos também se costumava fazer assim uns pãezinhos mais pequenos, sei lá, as pessoas que tinham em casa crianças?*

INF1 Não, às vezes, fazia-se uma rosquilhinha para cada um; mas eles agora, praticamente que já depois de ser grande, nem sequer querem a rosquilha.

*INQ Claro.*

INF1 Mas de primeiro adora-se [ABla{fp} minha]. Ainda tenho aqui uma netinha de dez anos, que ela, quando eu {IP!to=estou} amassando, ela pergunta logo por a rosquilha. Pergunta logo por a sua rosquilhinha. E (meu) /o meu\ marido também gosta muito de uma rosquilhinha.

*INQ Sim senhor. Olhe, e o pão vai lá para dentro do forno para quê? Para cozer...*

INF1 Para cozer! Quando é muito, o pão, a gente começa a deitar assim {pp} encostadinho, que é por causa de levar tudo. Deita-se aquela roda toda do forno {pp} e depois é que se vai deitando outra vez. Quando, por exemplo, o meu leva {fp} quinze, dezoito pães, para {PHInẽ=não} ficar muito pegado – eu {PHInẽ=não} gosto do pão muito pegado, que fica aqueles cantos{fp}...

*INQ Pois, pois.*

INF1 Sim senhora. Quando é nove, dez, cozo mais à vontade, nem sequer às vezes (tocam) /toca\ um no outro. Sim senhora.

*INQ Sim senhor. Olhe, e não havia uma coisa com que se, que servia para, para mexer as brasas dentro do forno, para espalhar?*

INF1 Então não há?!

*INQ Como é que se chama?*

INF1 Há o esbraseador. [AB|Há o ba-]

*INQ Que é um pau comprido?*

INF2 É um pau assim, como é este, mais comprido e {fp} para esbrasear o forno.

INF1 E há o esbraseador, o varredouro...

INQ *Que é o quê?*

INF1 [AB|Que é o pano{fp}] Que é o pau que tem o pano preso para tirar as brasas.

INQ *Que tem que molhar?*

INF1 Tem que molhar. E há o rodo {pp} e a pá.

INQ *E o rodo, veja lá se o rodo é assim parecido com isto? É assim uma coisa...*

INF1 É.

INQ *É parecido com isto?*

INF1 É, sim senhora.

INQ *É o seis.*

INF1 Isto é a pá.

INF2 (...) Tem ali para lhe mostrar.

INQ *A pá era redonda?*

INF1 É redonda.

INQ *Sim senhor. Olhe, e toda a gente tinha, toda a gente tinha forno? Ou... tinha que se ir cozer...*

INF1 Ah, a maior parte de gente {PH|nẽ=não} tem forno [AB| e a mai-] e a maior parte de gente que o tinham desmancharam por causa de arranjar as cozinhas. Agora o lar é azulejos e uma jarra de flores. Agora ninguém quer {fp}...

INF2 (...)

INQ *Mas as, mas as pessoas, por exemplo, quando... Toda a gente tinha em casa, um forno?*

INF1 Não, a maior parte de gente {PH|nẽ=não} tinha.

INQ *Não tinha.*

INF1 [AB|Só aquelas]

INQ *E portanto, iam cozer a casa de outra pessoa? Ou não? Pediam emprestado.*

INF1 Ah iam, só se fosse, assim no Natal ou qualquer coisa, fazer umas broas ou qualquer coisa, que a maior parte {PH|nẽ=não} se {PH|li'gavũ=ligavam} {fp} umas {CT|kẽ}=com as} outras a dizer: "Ah, [AB|va-] vou amassar mais tu" ou qualquer coisa. Que há muita gente que {PH|nẽ=não} se importa {fp}, nem pão (do) forno, nem quer ter trabalho. "Broas, mando fazer".

INQ *Não, mas eu digo antigamente, eu digo antigamente. Não é agora, que agora há pão.*

INF1 [AB|Ah ant-] Ah, antigamente cá, os poucos casais que havia, quase tudo tinha o seu forno.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST18-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> Afonso <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 298-435	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> Panificação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 18	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF1 O pão [ABl{PHln̄=não} ficando {fp}] {PHln̄=não} ficando bem cozido, o miolo fica num bolo.

INQ1 *Exactamente.*

INQ2 *Pois. Sim senhora.*

INQ1 *E quando a gente está a comer, aqueles bocadinhos que caem?*

INF1 É as migalhas.

INQ1 *Acho que está tudo.*

INF1 Dizem que até é bom {fp} dar graças a Deus primeiro {pp} {CTlpa'tẽw̄=para então} levantar a mesa. [ABIE não se] E diz que {PHln̄=não} se pode sacudir a toalha na rua. {PHln̄=Não} sei se é verdade se é mentira.

INQ2 *E como é que sacudiam a toalha?*

INF1 Eu sacudo a toalha na minha cozinha, dentro, um quartinho dentro e eu [ABlben-] benzo-me quando vou a tirar e depois vou sacudir lá dentro, então aí...

INQ2 *E diz alguma coisa?*

INF1 {PHln̄=Não} digo nada [ABlmas{fp}] {PHln̄=não{fp}}. Costumei-me a {PHln̄=não} sacudir na rua, que diz que não é bom. E também que não é bom sem dar graças a Deus, sacudir a toalha {pp}. Vai-se com o que se vai ouvindo dos nossos antigos...

INQ1 *Olhe e quando se punha o pão no forno, dizia-se alguma coisa ou quando se acabava de amassar? Quando...*

INF1 Santo António te acrescente, São João faça bom pão e a Virgem Santa Maria te deite a sua {PHlbẽ'sẽw= bênção}.

INF2 E quando acaba?

INF1 Quando {PHlẽs'kabẽ=(se) acaba} de deitar no forno. E a mesma coisa quando se acaba de amassar, também...



INQ1 Diz-se as mesmas palavras?

INQ2 As mesmas coisas...

INF1 (Diz-se) as mesmas palavras. E é assim.

INQ1 Sim senhor.

INF2 Isso é coisas que já {PH|nẽ=não}...

INQ1 Já não, não. São tradições que é para a gente saber como é que é.

INF1 Ah, mas [AB|eu ouvi-, mas eu ouvia]{pp} eu ouvia os meus antigos dizer{fp} vou dizer também.

INQ1 Claro.

INQ2 Pois, claro.

INQ1 Pois, acho bem que diga.

INQ2 Pois.

INQ1 Sim senhor. Olhe, e que lenha costumavam usar para aquecer o forno?

INF1 Ah, minha querida senhora! Agora há cá muita lenha, mas a minha mãe...

INQ1 Antigamente.

INF1 A minha mãe amassava {pp} com palha de debulhar a cevada. A senhora tem o conhecimento da cevada?

INQ1 Sim, sim, sim, sei. Mas isso ardia num instante...

INF1 Minha mãe amassava com palha. E havia uma erva, que tinha muitos picos e eles apanhavam muita erva dessa [AB|e-].

INF2 'Calabaças'.

INQ1 Como é que se chamava?

INF2 'Calabaças'.

INF1 Tinha muitos picos! E a minha mãe, quando era para aquecer a cevada – porque minha mãe quando arranjava cevada para ir {CT|pɔ=para o} moinho, gostava de {PH|li=lhe} dar um calor no forno, por causa {PH|de=de [AB|a{fp}]} ficar assim mais torrada, para{fp} [AB|fic-] moer melhor e ficar o pão mais gostoso – minha mãe chegava a meter {CT|kũ=com um} pau! Tantos picos que aquela lenha tinha para aquecer o forno!

INQ1 Pois, pois, pois.

INF1 Depois minha mãe varria aquela coisa e deitava a cevada...

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST19-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Acidália <b>Idade:</b> 63	<b>Sexo:</b> Feminino <b>Escolaridade:</b> Analfabeta
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 604-918	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 19	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF {fp} Já se sabe, [AB|chegava-se {fp}, matava-se] se [AB|matasse] a gente {fp} matasse o porco no Natal, já se sabe, chegando {fp}, depois da morte do porco, no outro dia faziam aqueles pedaços de carne para deitar alho e vinagre e loiro e tudo e ficava ali numa vasilha a conservar até dia de festa. No dia de festa, minha mãe {fp} levantava-se, partia {pp} pão {PH|o|=aos} pedaços e fritava a carne e depois molhava aquele pão, {CT|pa=para a} gente comer, junto {CT|kø=com a} carne.

*INQI Isso era no dia da festa?*

INF No dia [AB|da fe-] do Natal. Na parte da tarde, minha mãe era {fp} galinhas de casa; já se sabe que era aqueles galos grandes, tirava ali [AB|um, um] um quarto ou dois – que a gente diz um quarto, que faz-se uma ave em quatro quartos –, minha mãe cozia metade, ou cozia três quartos, conforme, ou cozia um inteiro, conforme {fp} a família que tinha em casa {pp} e, já se sabe, [AB|era {fp}] deitava a cozer {fp} e depois deitava- {PH|li=lhe} massa, desta, [AB|que] da {fp} mercearia. E eu me lembra um ano {pp} que meu pai – acho que como a minha mãe não tinha dinheiro, {pp} a minha mãe amassou desta farinha de trigo da terra, bem amassadinha – fazia umas tiras com {fp} uma garrafa e minha mãe cortava assim, tudo direitinho, tudo direitinho, aquilo ficava tudo fininho, tudo fininho e {fp} minha mãe deitava na panela e a gente comia por massa.

*INQI Ah!*

INF Era assim. Lembra-me minha mãe fazer um ano, {CT|pø=para o} primeiro do ano... Minha mãe, acho que {PH|nẽ=não} tinha dinheiro, coitadinha. Praticamente, se minha mãe {PH|nẽ=não} tinha, {PH|nẽ=não} me disse, mas [AB|eu {fp}] eu é que pensei que não havia. E minha mãe depois, na peneira de peneirar a farinha, minha mãe pôs assim [AB|na] – a casa era mais baixinha –, pôs assim na beira, {IP|'tavẽ=estava} um lindo sol, para tostar aquela massinha. Pensa que ela {PH|nẽ=não} ficava gostosa? Havia lentilhas... {pp} Minha mãe às vezes fazia, mesmo para outros jantares, minha mãe fazia. Cozia a lentilha adiante, depois deitava a massinha, um pedacinho de {fp} ou a banha de porco

[ABl ou a{fp}] ou {PHlnẽ=não} sei [ABlse{fp}]. Óleo {PHlnũ=não} havia nessa altura, {PHlnũ=não} havia{fp} {pp} óleo. Mesmo que houvesse, {pp} [ABlse{fp}] se havia era bem pouco. Era mais {fp} qualquer coisa de azeite de que o óleo próprio. [ABl O ó-] O óleo{fp} veio por último que o azeite. E comia-se o nosso pratinho de massa com lentilhas, às vezes com abóbora, desta abóbora que meu pai – (lidava) numa fazenda, [ABlfazia{fp}] – semeava. Dava chuva, graças a Deus, {fp} punha terra a descampar, metia{fp} umas sementes aqui, outras acolá e dava abóbora. Até lembra-me um ano de meu pai ter cabaças. Um cabacinhas de limpar o comer por dentro [ABle{fp}] e depois fazer uma vasilhinha da água.

*INQ1 Pois.*

INF (Sim Senhoras). E eu ia a essa fazenda mais meu pai. E era assim a nossa vida. Depois, já se sabe, [ABlfoi] {pp} foi melhorando qualquer coisa, foi melhorando qualquer coisa... Já se sabe, minha mãe cozia um pedacinho de arroz {pp} para se comer depois de{fp} comer o caldinho da massa. Mas minha mãe [ABldeitava-{PHlli=lhe} desta] deitava-{PHlli=lhe} abóbora, que ficava um arrozinho tão amarelinho que parecia uma gema de ovo!

*INQ1 Ai, que giro!*

INF E gostoso! Mas era dumas abóboras de casca branca, aqui de Porto Santo. [ABlEra u-]

*INQ1 Mas já não há essas abóboras?*

INF Ainda há.

*INQ1 Ah, ainda há.*

INF Ainda há, mas a chuva é pouca e {IPlta=está} acabando com tudo e ninguém quer{fp}. Eles, quando semeiam as melancias no Verão, é que metem nos cabos [ABlda{fp}] das mantas, {pp} que tiram {PHlpa<sup>1</sup>=para as} melancias, é que põem uma aqui, outra acolá. Porque aquilo{fp} [ABlé uma] deita uma rama muito grande e, quando a melancia {IPlta=está} {RClco=coisa}, aquilo vem {PHlpe=para} cima da melancia. Então, eles (prantam) umas sementes aqui, outras aqui. E há{fp}, mas este ano houve menos porque {PHlnũ=não} houve chuva.

*INQ1 Pois é. Isso é preciso muita água.*

INF [ABlTenho uma filha] Tenho uma filha casada lá em baixo defronte do aeroporto, que até o meu genro trabalha na Câmara de Porto Santo, que é chofer. E ele gosta muito da verdura, de verdura. E tem um colega que{fp}... Mais ele. Mas acartaram, este ano, acartaram água, acartaram água, da serra de dentro, lá dumas represas, acartaram, acartaram. Eles semearam melancias algumas quatro ou cinco vezes, {CTlprç=para o} resto ainda tiveram (umas perinhas), mas depois quando um tem, tantos têm. Quando dá para um, dá para todos.

*INQ1 Claro.*

*INQ2 Pois.*

INF (Depois) vendem aquilo mais barato, olhe... É, mas é melhor haver e tudo ter de que{fp}... (O nome de) haver, é lindo! Que eu, se eu não tenho e a senhora tem, oferece-me uma melancia. Se a senhora tem {fp} peros ou laranjas, oferece-me... E é assim. Quando não há é que é pior para todos.

*INQ1 Claro.*

INF Sim senhora. (E que acaso) (...) então, graças a Deus, foi o que Nosso Senhor não me deu {pp} foi {pp} ser falsa, {pp} mentirosa, {pp} amiga de sacrilégios, {pp} graças a Deus. Tenho o que Nosso Senhor me (depare), ouço dizer que os outros que têm, por exemplo, posso ouvir dizer: "Olha, aqui à parte de cima {IP|ta=está} uma festa, uns noivos ou qualquer coisa". {PH|nẽ=Não} me dá abalo. Se eu ouvir dizer: "Olha, fulano pisou-se, ou (ele morreu) /{PH|ẽmu'rew=morreu}\, ou coisa", isso eu tenho mais pena. Mas graças a Deus, [AB|eu {PH|nẽ=não{fp}}] {IP|to=estou} aqui na minha casa à conta de Deus, a minha nora, às vezes, vem para baixo comigo. E tenho ali uma vizinha {PH|õ=ao} lado, que às vezes também vou lá um pedacinho e assim se vai passando à conta de Deus, que {PH|nũ=não} há melhor coisa que é{fp} [AB|que é quem quem é assim, à conta de Deus.

*INQ1 Pois! Ah, claro.*

*INQ2 Claro.*

INF Mesmo que tenha um sítio, fiquei num lugar que ninguém me vê.

*INQ1 Ficou mesmo na ponta da, da terra.*

INF (Fiquei) mesmo aqui à conta de Deus. Casei-me, vim {CT|pa=para a} minha casa à conta de Deus {pp} e aqui tenho {IP|'tadu=estado}. Já {PH|li=lhe} deu a formiga-branca, o meu marido deitou (uma lajem)...

*INQ1 Ah! A formiga-branca, há para aqui, não é?*

INF É, minha querida, [AB|(tiraram-me) portas e tu-] tirámos portas e tudo!

*INQ2 Ai! Que horror!*

INF Sim senhora!

*INQ É muito mau.*

*INQ2 Pois é!*

INF [AB|Fui à Câm-, a Câmara] Eu pedi [AB|à{fp}] uma ajudazinha à Câmara. A Câmara {PH|nẽ=não} me deu grande quantidade mas deu-me, graças a Deus, que me{fp} serviu bastante.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Pois é.*

*INQ1 Sim senhor.*

INF Se há formiga-branca neste Porto Santo! A gente sentia ela roer. A gente sentia elas roer. A esta porta deste lado, a parte esquerda, eu já nem {PH|lẽ=lha} podia abrir, porque se eu {CT|la'bris=lha abrisse}, ela ia trazer o aro consigo. Porque o aro {IP|'tavẽ=estava} só {CT|ke'kele=com aquela} casquinha! Quem {PH|lẽ=lha} forcejasse para (ela abrir) /{CT|la'brir=lha abrir}\ ou para (ela fechar) /{PH|lẽ=lha} fechar\, ela ia vir sempre. [AB|{fp} M-] Missagras (iam) /ia\ desapegar aquele pedaço do aro (e) ia vir sempre. Deu um trabalho e{fp} ainda se ficou devendo{fp} {pp} a tanta gente mas, agora, graças a Deus, já pagámos.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST20-C	
<b>Localidade:</b> Camacha <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Aarão <b>Idade:</b> 71	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1041-1090	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> A alimentação	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 20	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF [AB|O mais que moía era] {pp} O mais que (ele) moía era{fp} milho. Mas, {pp} como é que se diz, no último caso{fp}, servia para tudo.

*INQ1 E com o milho também faziam outras coisas, para comer?*

INF Milho. Fazia-se milho do lume {pp}, (do) milho grosso {pp}. [AB|Faziam] Tinham as cascas, {pp} aquilo era moído grosso {pp}, [AB|assim como {fp}] (do) tamanho [AB|de] de arroz, mais ou menos {pp}. E aquilo, o milho era aguado (antes) de moer. {pp} O milho era aguado, depois era moído, assim {CT|ko'me=como eu} {IP|to=estou} dizendo; tinha aquela casca {pp}, deitava-se na panela, a água {fp} fervia, a água a ferver, [AB|deit-] aquela casca vinha toda a cima, pilava-se [AB|laq-] {pp}, {PH|pi'lavũ=pilavam} aquilo, [AB|{CT|kũ=com um{fp}}] {pp} {CT|kũ=com uma} chávena ou {CT|kũ=com um} cagirão {pp} e depois num coador {fp} e ficava limpinho, ficava {pp}... Quando era cozido com{fp} leite ou com banha [AB|lou], ficava como (arroz). (Bom). Sim senhora.

*INQ1 Que bom que devia ser.*

INF [AB|Mas só quand-] Quando era cozido só {pp} com água, {PH|nẽ=não} ficava [AB|tão b-] tão bom, mas quando levava os preparos {pp}, qualquer uns comeres é assim, os preparos [AB|é que{fp}]

*INQ1 É que fazem o gosto.*

*INQ2 É que dão o gosto.*

INF é que faz o comer.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST21-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1153-1163	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 21	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF Lidei o moinho cinquenta e tal anos, {pp} mas agora...

*INQ E, o senhor também tinha um, também tem um irmão que também...*

INF Não senhora.

*INQ Ah, não?!*

INF Só eu é que tenho.

*INQ Ah!*

INF Meus irmãos todos [ABInenhum tom-, ne-] nenhum teve moinho senão só eu.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST22-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1219-1390	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 22	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Dez.99	

INF É {fp}, tem o mastro.

*INQI Sim.*

INF Depois {pp}, [ABlas] {pp} os paus, chama-se a gente, chama-se aqui, é as guinas.

*INQI As guinas são os paus?*

INF [ABlÉ as] É as guinas do moinho, {pp} que é o que se mete no mastro para pôr o pano {pp} e os estais e o cerco e etc.

*INQI Os estais é o quê?*

INF Os estais [ABlÉ um{fp}], é o que aguenta, [ABl{CT|pa=para a}] {CT|pa=para [ABla]} o pau {PHlnẽ=não} partir, vai à ponta do mastro, {pp}

*INQI Ah, já sei.*

INF leva um arame de cima em baixo, porque se {PHlnẽ=não} fosse isso, desabava como um chapéu-de-sol. E depois tem, que é uma defesa para aquilo {PHlnẽ=não} fechar. Sim senhor.

*INQI Pronto. E depois como é que podia virar o moinho ao vento?*

INF Andava de roda.

*INQI O que é que andava de roda?*

INF A casa toda.

*INQI Toda a casa andava de roda.*

INF Tinha quatro rodas {pp}, tinha um pião a meio – chamava-se o pião {pp} – tinha uma grande pedra, que tem o patamal, que é a muralha de pedra – a gente chama-se aqui um patamal {pp}. A meio daquela{fp} muralha de rocha {pp} – chama-se o patamal – levava uma pedra muito grande e tinha um furo. Levava um veio, {pp} que entrava dentro da casa do moinho {pp} e levava assim uma (casinha) /coisinha\ atravessada [ABlporque {pp}] por causa do moinho {PHlnẽ=não} sair fora do seu lugar.

Andava ali naquele arredor, ali, sempre [ABlnum, num, na].

*INQI E portanto, era isso que o senhor virava. E como é que fazia andar?*

INF [ABIera {CT|kwẽ=com a}] Era: tinha uma barra {pp} e fazia esforço {pp} na roda {pp} da frente para ele andar de roda. Conforme o vento ia, a gente tinha que ([AB|andar a {pp}] dar) /andar a dar\ sempre a frente – o lugar dos panos – {PH|õ=ao} vento.

*INQ1 Sim senhor. Olhe, e não, os moinhos cá eram todos desses ou havia uns que eram todos de pedra até acima?*

INF Ah, havia moinhos mas isso já era diferente. Quer dizer, a casa era toda de parede, {pp} em cima tinha um chapéu, {pp} que é onde tinha o velame [AB|e{fp}] – só o chapéu! – e tinha umas rodas dentro {pp}, que as rodas [AB|en-] entrava dentro dum as calhas de pedra, que tinha dentro e ele por dentro tinha {pp} como um cabrestante.

*INQ1 Como é que lhe chamavam, a esse cabrestante?*

INF Era o cabrestante, não é?

*INQ1 Era o cabrestante mesmo?*

INF Andava ({PH|kẽ'ki|ẽz={CT|kẽ=com as} quilhas)) de roda e tinha um cabo, {pp} que pegava, que fazia aquilo andar de roda. Mas era só o chapéu, por cima.

*INQ1 Chamava-se o chapéu, aquela parte de cima?*

INF O chapéu. Era o tecto, é o tecto.

*INQ1 Pois. Mas chamavam-lhe o chapéu ou chamavam-lhe o tecto?*

INF A gente chamava-{CT|lu=lhe o} tecto {fp} porque{fp}, o{fp} geral. [AB|(que) era o tecto] o tecto numa casa é o que fica por cima. A gente chamava era o tecto do moinho.

*INQ1 Pois, pois. Sim senhor. Não era o chapéu?*

INF Não senhora. {fp} Claro que{fp} só andava era{fp} o tecto {pp} [AB|e{fp}].

*INQ1 Enquanto no seu andava...*

INF O meu cá era a casa inteira.

*INQ1 A casa inteira que andava...*

INF Sim senhora. O meu e os outros, claro.

*INQ1 Pois.*

INF (De) pedra, aqui, no Porto Santo...

*INQ1 Eu vi um, acho que há um ainda ali por cima do, do...*

INF Do campo.

*INQ1 Do campo, exactamente.*

INF Chama-se o cabeço. Em cima, [AB|no] no cabeço.

*INQ1 Sim.*

INF [AB|(Só ha-)]

*INQ1 Que é, mas está, eu não vi bem porque há umas casas à frente e eu não, não consegui ver bem.*

INF Tem, sim senhora, tem.

*INQ1 Mas tem aí um de pedra, dos de pedra.*

INF Tem, sim senhora.

*INQ1 Mas era o único que havia cá, assim todo de pedra?*

INF Havia mais um.



*INQ1 Mais um. O resto, eram todos iguais aos seus? Ao seu?*

INF (O mais eram todos iguais), sim senhora. Olhe, tenho aqui a fotografia {pp}. Faz favor.

*INQ1 Ah, então com licença.*

*INQ2 Com licença.*

INF {IP|ta=Está} aqui.

*INQ1 Portanto, as guinas e os, como é que o senhor chamou também, os estais?*

INF O direito é dizer as guinas do moinho.

*INQ1 Sim senhor.*

(...)

*INQ1 Sim senhor.*

INF Às vezes, há pessoas que, às vezes, em conversa: "Ah, tu és um patamal!", querendo dizer que o patamal [AB|nem se-], mas o patamal é uma coisa que tem serviço!

*INQ1 Importante. Então não é?*

*INQ2 Pois claro. É importante.*

*INQ1 Já encontraste?*

*INQ2 Não tenho mais nada. Sim, está aqui. Sobra-me só o princípio.*

*INQ1 Sim.*

*INQ1 Olhe, e por dentro, veja lá se era assim?*

INF Por dentro, tem roda, tem carrete, tem moega. Olhe, a moega é esta {pp}. {IP|ta=Está} caindo dentro da moenda.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST23-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 08 <b>lado:</b> B <b>min:</b> 1462-1578	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 23	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Jan.00

*INQ E estava, por trás da moenda, também passava a caixa? Era tudo caixa, à volta?*

INF {PH|nã=Não}, {PH|nẽ=não}, {PH|na=não}. [AB|Tem] Tem uma folga, {pp} à frente e atrás, {pp} que a gente ande assim, em roda da moenda. Tem folga {pp} [AB|{CT|pa=para a} gente].

*INQ E a moenda, tinha alguma parte, alguma parte forrada, por fora da moenda?*

INF A selha, chamava-se a selha. {pp} ({PH|padədivi'dar=Para (...) vedar}) a farinha.

*INQ E era de quê? De folha? Era de folha a selha ou era de madeira?*

INF É folha.

*INQ Folha.*

INF [AB|Era (de) fo-, ti-] A parte [AB|d-] por cima, era{fp} madeira {pp} e a roda era toda [AB|em{fp}] neste zinco...

*INQ Este, de zinco, pois.*

INF Esta chapa de zinco.

*INQ E portanto chamava-se-lhe a selha, a essa parte?*

INF Sim senhor.

*INQ Pronto. E depois a farinha caía para aqui, para a caixa, não é?*

INF A caixa é esta.

*INQ E tinha algum pano à frente, a caixa, para?...?*

INF Punha-se por causa do pó {PH|nẽ=não} voar.

*INQ Como é que chamava a esse pano?*

INF Oh, {pp} era um pano que a gente se punha.

*INQ Era o panal ou...?*

INF Não.

*INQ Não.*

INF Era um pedaço de pano que a gente punha, porque fazia muito pó {pp} e levantava. {pp} E fazia quebras nas farinhas, porque aquilo era a peso...

INQ *Portanto, nunca deu nome diferente, nome, diferente à moenda de cima e à moenda de baixo, não?*

INF Pois, (sim senhora) /senhora\.

INQ *Nunca se deu?*

INF O meu até tinha duas moendas.

INQ *Ai era? Duas?*

INF Era. É essa assim quadrada, {pp} depois [AB|fazia aqui{fp}] eram separadas uma da outra e fazia outra vez aqui mais outra...

INQ Sim.

INF [AB|Cha-] Era as quatro moendas.

INQ Sim.

INF E tinha [AB|até do-] (até folga aqui), que era onde eu me sentava e fazia o serviço. {pp} Era um moinho grande.

INQ *E a, e as duas moendas moíam o quê?*

INF Como?

INQ *O que é que moía nas moendas?*

INF Há uma de moer milho. {pp} A que mói milho, já não mói a triga. (Que isso já) a gente (se) chama: a moenda trigueira [AB|lé que] é (a) que mói o milho {pp} e a moenda alva, era a branca.

INQ Sim senhor.

INF Sim senhor.

INQ *E essa moenda alva era, era pedra daqui ou era pedra de fora?...*

INF {fp} Era como uma pedra mármore.

INQ *Mas que vinha de fora?*

INF Vinha de fora.

INQ *E, e a moenda trigueira, a, do, a trigueira, era, era pedra de cá ou não? Também vinha de fora?*

INF Também {pp} a maior parte foi tudo de fora. Mas aqui já havia uma pedreira, {pp} que já {IP|'tavẽw=estavam} tirando. {pp} Já aqui havia uma pedreira

INQ Sim, sim.

INF que{fp} já {IP|'tavẽw=estavam} tirando isso. {pp} Sim senhora.

INQ *Olhe, e depois aqui ao lado, havia uma coisa que servia para o senhor levantar e baixar, ou não?*

INF É o tempero.

INQ *O tempero? Portanto...*

INF O tempero era uma barrinha assim deste tamanho. {pp} Depois, em baixo, {pp} tinha [AB|lu-] uma agulha – a gente chamava-se a agulha – {pp} que ia abaixo e tinha-se assim um pau atravessado – que a gente chamava-se{fp} {pp} o pau da agulha – {pp} e tinha um encaixezinho, que a agulha se assentava e quando a gente queria que a pedra levantasse ou arreasse, {CT|pɔ=para o} {PH|'tẽpiru=tempero} da farinha, a gente tinha a tal barrinha – (que era o que) chamava-se o tempero de (a) abaixar ou altear.

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST24-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 09 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 00-433	<b>Inquiridor2:</b> Luísa Segura da Cruz
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 24	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Jan.00	

*INQ1 ... Levar o trigo ao seu moinho...*

INF A gente é que ia buscar.

*INQ1 O senhor é que ia buscar?*

INF Tinha-se um burrinho, {pp} ia-se buscar e levar a farinha. [AB|Trazi-] {CT|trɛ'ziɐsu=Trazia-se-o} em grão e levava-se em farinha.

*INQ1 Sim senhor. E era o senhor, e o senhor como é que se pagava do trabalho que tinha?*

INF Era maquiado, {CT|'era=era à} maquia.

*INQ1 E a maquia era quanto?*

INF É um quilo.

*INQ1 Um quilo, em cada alqueire?*

INF Em cada alqueire. Sim senhora.

*INQ1 Sim senhor. Olhe, e quando a pedra começava a não estar boa, tinha que?...*

INF Era picada.

*INQ1 Com quê?*

INF {CT|kũɐ=Com uma} picadeira. {pp} E é espesso quase como uma enxó. Não é bem a enxó, que é mais direita. {pp} [AB|Quando é que] A gente tinha aquilo afinadinho, tudo amoladinho {pp} e quando era preciso, que a gente via que ela que já {PH|nẽ=não} móia bem, {pp} a gente levantava-se {pp} e picava-se. Aquilo tem um{fp}...

*INQ1 Como é que levantava?*

INF Levantava-se (com) uma barra de ferro. Levantava-se assim, mais ou menos por esta altura, tinha uns calços de pau por baixo e quando a gente chegava àquela altura, que a gente se podia pegar, às vezes era preciso dois. Para levantar, empinava-se e então é que começava-se a picar. Sim senhor.

*INQ1 Sim senhor. Olhe, no seu, no seu, nas suas velas, tinha, tinha alguma coisa que fizesse barulho ou não? Nas velas, à volta das velas, não?*

INF [AB|Era [RPICTI'era]=era]] os tais {pp} É os tais {pp} estais, num andamento que era muito e aquilo fazia uma guinchada: chchchch. Era a tal guinchada que fazia.

INQ1 *Sim senhor. Olhe, e quando o senhor, por exemplo, se afastava um bocadinho do moinho, como é que sabia que já não havia grão na, na moega?*

INF Ah, mas eu [AB|t-], eu {IP|'tavẽ=estava} sempre [AB|a{fp}] a pau.

INQ1 *Tinha que estar sempre ali ao pé?*

INF Ah, (...) a ver a moega e depois {pp} furava. A moega, {IP|'tavẽ=estava} cheia, {IP|'tavẽ=estava} sempre correndo. E depois quando {pp} faltava o grão, começava a furar, que já {PH|nẽ=não} tinha nada e a gente (se via). {pp} E a gente {pp} tirava-se o resto assim mais para baixo, uma coisinha {pp} e depois deitava-se outro, dentro da moega [AB|para]

INQ1 *Olhe, e não havia uma coisinha que servia para...*

INF (de) a trancar, por causa de dividir o grão. Porque quando {IP|'tavẽ=estava} (aviando um), a gente metia uma pá de cima para baixo. {pp} Deitava-se o outro de dentro, depois, quando este {IP|'tavẽ=estava} (aviando), a gente {pp} levantava a pazinha, ele começava outra vez a correr.

INQ1 *Portanto, era assim, era com a pazinha que controlava a quantidade de grão que ia caindo?*

INF Era. Pois. pois. pois. pois.

INQ1 *Era com a pazinha, que controlava?*

INF Sim senhor. Era, sim senhor. Levantava-se muito, vinha muito, [AB|lera] ficava grosso. A gente, (vã), graduava-se mais {PH|o=ou} menos aquela medida já {IP|'tavẽ=estava} certo e quando a gente via que vinha muito, a gente {pp} arreava-se a pá outra vez [AB|pa-] mais para baixo uma coisinha {pp} e pronto. (Já graduado) /Já graduava\.. Depois tinha o tal cachorro que {IP|'tavẽ=estava{fp}} a estremecer. E o grão caía, quando a gente via que era muito, {pp} era onde a gente (que ia da tal) pazinha e fechava-se mais.

INQ1 *Sempre a...*

INQ2 *A estremecer.*

INQ1 *Para ir caindo...*

INQ2 *Pois.*

INQ1 *E portanto, vinha caindo assim por uma coisinha assim...*

INF Sim senhora, então, (a cair) lentamente.

INQ1 *Pois. Que era, que fazia parte da moega?*

INF [AB|E-] {RC|E=-Era} uma espécie quase como água.

INQ1 *Exactamente.*

INF Sempre naquela{fp} média.

INQ1 *Sim senhora. Portanto, a sua profissão era quê?*

INF Eu tenho tido tantas.

INQ1 *Não, mas essa com o moinho, era de quê?*

INF Era moleiro.

INQ1 *Era moleiro.*

INF Sim senhora. Tive uns anos naquilo mas, é claro, depois mudei. Andei na Câmara, andei na Junta Geral, andei {fp} na Florestal, enfim... Agora é que tenho a minha reforma.

*INQ1 Pois.*

*INQ2 Pois.*

*INQ1 E agora também já não há moinhos, não é?*

INF {PHlnũ=Não} há. É para ter pena.

*INQ1 Pois é.*

*INQ2 Pois é.*

*INQ1 Eram tantos, ainda por cima cá, não é?*

INF Veio, uma altura, aqui, {pp} um decreto – que o turismo é que se metia nisso – para melhorar os moinhos, para isso {PHlnũ=não} acabar – era uma coisa antiga! Veio, {fp} [ABlera{fp}] claro, {PHlnũ=não} era para fazer novo, era para fazer uma média para que aquilo melhorasse, que aguentasse mais uns anos. Mas houve uns mais espertos, {pp} quiseram fazer novo, agarraram-se {PHlɔ=ao} dinheiro, gastaram metade do dinheiro, o outro {pp} {PH|pa=para a} algibeira e os outros ficaram a (vigiar).

*INQ1 Pois é.*

INF Devia ser uma média, dividido, um tanto a cada, para melhorar.

*INQ1 Claro, claro.*

*INQ2 Claro.*

INF Mas não, houve deles que se fartaram.

*INQ1 É sempre assim, não é?*

INF É, pois é claro. [ABISe] Se isso aprovasse, (que) desse o concerto em todos, {IP|'tavɐ=estava} tudo aí, {IP|'tavũ=estavam} todos. {IP|'tavũ=Estavam} e era bonito.

*INQ1 Claro, era bem bonito.*

*INQ2 Claro.*

INF Era bonito.

*INQ1 Pois era.*

INF Eu tive um, claro, fui andando, fui andando, fui andando, fui andando, depois também {pp} não houve trigos, nem cevadas, nem milho, nem nada, {IP|'tavẽ<sup>w</sup>=estavam} parados; depois {pp}, [AB|já sem] na casa fechada, {pp} arrombaram-lhe {CT|kɐ=com a} porta, até sujavam dentro e aquela coisa toda. Depois houve um tipo (que) quis me comprar a pedra, {pp} (aquele) que {PH|li=lhe} chama-se o patamal. Disse: "Olha, vocês que levem tudo"! {pp} Que me servia (que) ter aquilo? Quer dizer, só...

*INQ1 Pois.*

*INQ1 Mas ele comprou para quê?*

INF A pedra? Para um alicerce [AB|d-] dum prédio.

*INQ1 Ih, pá! Ah, portanto, já não há moinho mesmo?*

*INQ2 Ah!*

INF Ainda há. {pp} Ainda há um na Camacha, {pp} é o tal que levou um consertozinho, que por isso existe.

*INQ1 Ah, pois, de um...Pois, pois.*

INF E {fp} {IP|ta=está} o Actório, que é um tipo que é das Finanças, também tem dois. Mas {pp} foi o tal dinheiro do turismo...

*INQ1 Pois.*

INF Melhorou um {pp} e fez dois novos.

*INQ1 Pois, pois.*

INF Também {IP|ta=está} lá, {pp} só para ver!

*INQ1 Pois, pois.*

*INQ2 Pois.*

INF Não dá outro rendimento.

*INQ1 Claro.*

INF Mas não havia de ser assim. Devia de ser {fp} um tanto a cada

*INQ2 Pois.*

INF e eles existiam todos hoje.

*INQ2 Pois.*

<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST25-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 09 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 459-485	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Não aplicável	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 25	
<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Jan.00	

*INQ Andou a estudar quando era novo ou não?*

INF Nem fui à escola.

*INQ Mas aqui havia escola nessa altura ou não?*

INF Era pouco. Mas meu pai tinha era gado, fazendas e etc.

*INQ Pois.*

INF Pregava-se (era só àquilo). Ia aí meia dúzia à escola e o resto {pp} {IP|tavø=estava} em casa. Em casa{fp}, (tudo) trabalhando.

*INQ Pois. Pois.*

INF [AB|Tenho, tenh-]

*INQ Fuma, ou não?*

INF Não, obrigada. Tenho pena {pp} – tenho pena! {pp} – em {PHInẽ=não} saber. Mas também agora?!



<b>Código de identificação do ficheiro:</b> PST26-C	
<b>Localidade:</b> Tanque <b>Distrito:</b> Funchal	<b>Concelho:</b> Porto Santo <b>Data:</b> 1994
<b>Informante1:</b> Abdão <b>Idade:</b> 76	<b>Sexo:</b> Masculino <b>Escolaridade:</b> Analfabeto
<b>Informante2:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Informante3:</b> <b>Idade:</b>	<b>Sexo:</b> <b>Escolaridade:</b>
<b>Fonte:</b> ALEPG <b>Inquiridor1:</b> Gabriela Vitorino <b>Cassete nº:</b> 09 <b>lado:</b> A <b>min:</b> 583-598	<b>Inquiridor2:</b>
<b>Assunto:</b> Moinho	
<b>Tipo de transcrição:</b> Conservadora <b>Autor da primeira transcrição:</b> Sandra Pereira <b>Autor da revisão final:</b> Ana Maria Martins <b>CD nº:</b> 03 <b>faixa:</b> 26	<b>Data da primeira transcrição:</b> Nov.99 <b>Data da revisão final:</b> Jan.00

*INQ Como é que o senhor subia para o patamal?*

INF Na escada. Tinha uma escada.

*INQ Tinha uma escada por fora. De madeira?*

INF Há de madeira e também havia em pedra{fp}, metida no{fp} patamal, que a gente (chama) /se chama\ /lhe chama\, {pp} também havia, mas a maioria era tudo de escada de pau, {pp} de madeira.